

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

CLÁUDIA GALIMBERTI

**NO FOLHAR DAS PÁGINAS, UM ESTUDO DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS GEOGRÁFICAS NOS ANOS INICIAIS DA EMEF BENTO
GONÇALVES/ SÃO LEOPOLDO**

Porto Alegre

2019

CLÁUDIA GALIMBERTI

**NO FOLHAR DAS PÁGINAS, UM ESTUDO DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS GEOGRÁFICAS NOS ANOS INICIAIS DA EMEF BENTO
GONÇALVES/ SÃO LEOPOLDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Geografia.

Orientadora: Maíra Suertegaray Rossato

Linha de Pesquisa: Educação

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na
Publicação

Galimberti, Cláudia

NO FOLHAR DAS PÁGINAS, UM ESTUDO DAS PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS GEOGRÁFICAS NOS ANOS INICIAIS DA EMEF

BENTO GONÇALVES/SÃO LEOPOLDO. / Cláudia Galimberti. --
2019.

89 f.

Orientador: MAIRA SUERTEGARAY.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Porto Alegre. BR-RS. 2019.

Dedico essa Dissertação, a
minha família, em especial
a neta, Millena Schreinert, para
que ela, desde cedo, reconheça ,que o
conhecimento é libertador, e fundamental a vida.

AGRADECIMENTOS

Nessa trajetória, é necessário agradecer imensamente a quem, nesses dois anos, ficou ao meu lado, apoiando, incentivando e entendendo minhas ausências quando eram necessárias. Foram muitos finais de semana e feriados trabalhando, mas cá estamos agora, para comemorarmos o final de mais essa etapa, constatando que realmente todo esforço é recompensador.

Dessa forma, quero agradecer primeiramente a Deus, por me guiar nesse importante caminho, trazendo paz e serenidade, quando o momento exigia.

Prosseguindo os agradecimentos, quero agradecer imensamente a minha orientadora Máira Suertegaray, que sempre esteve presente ao meu lado, me incentivando, e apontando caminhos, quando o momento exigia. A Coordenação da Pós-Graduação em Geografia e a todos os professores da Pós-Graduação em Geografia, que sem exceção, são comprometidos com o processo educacional, meu reconhecimento e minha gratidão por cada conhecimento a ser multiplicado, assim como também, a parte da Secretaria do curso, sempre atenta e solícita ao atendimento aos alunos.

À minha família: IN MEMORIAN, à minha mãe Rosa da Silva Capaverde, que de onde está, guia a mim e a nossa família, ao meu pai Wilson Capaverde, meu filho Lucas Schreinert, minha nora Camila Schreinert, minha neta Millena Schreinert e a “boadrasta” Leci Capaverde, quero dizer que foram a base de tudo, foram meu porto seguro quando as forças ficavam abaladas. Com eles não tinha tempo ruim, sempre vinham incentivos que me apontavam a direção e davam a força necessária para continuar. Quero, em especial, que minha neta Millena leve essa vitória em seu coração sempre, sabendo que ela é nossa. Quero que carregue consigo esse dia, como um importante incentivo aos seus estudos.

Às professoras, funcionárias da EMEF Bento Gonçalves, também agradeço de coração pela confiança depositadas e pelo carinho sempre demonstrado. Destaco aqui uma pessoa em especial que se mostrou sempre solícita a me escutar e auxiliar: a amiga e colega Quênia Strasburg, esse carinho todo, levarei comigo, no lado esquerdo do coração, e jamais será esquecido.

Aos colegas da EMEF Paul Harris, onde dou aula a noite na EJA, na disciplina de Geografia, quero agradecer o apoio recebido de cada um, nessa trajetória, a tantos inícios de aulas, sempre um gesto ou uma mensagem especial, que impulsionava, em especial gostaria

de agradecer a professora Giovana Caetano da Rosa, que também foi muito parceira, me auxiliando.

A diretoria e funcionários da Associação dos Funcionários Municipais de São Leopoldo, em nome da Rita de Cássia Nunes (Presidenta) , Patrícia Paulino (funcionária) , Jessica Paulino (funcionária) e Elisabeth Seewald (funcionária) , quero agradecer a atenção e o abraço sempre confortante, nas reuniões da AFMSL (Associação dos Funcionários Municipais de São Leopoldo), como também, a compreensão de todos, quando não pude me fazer presente, nas reuniões ou em outros momentos que eram importantes, minhas ausências foram compreendidas sempre, com mensagens de apoio.

Aos amigos e amigas do dia a dia também agradeço. Obrigada a todos e todas que foram solícitos comigo, em especial: Carlos Alberto Gomes, Landir Matte, Loni Keller, Wilson Camargo, Denise Fagundes, José Amâncio, Lilian Barcella e Carla Sodré.

Junto a esses, durante o trajeto, somaram-se mais amigos: Edson Luis Borges que, junto com sua mãe Erecida Borges e irmã Elizete Borges, também se fizeram presentes nessa trajetória, com muito carinho e atenção a mim dispensados.

RESUMO

Essa dissertação procura mostrar como era abordada a Geografia nos Anos Iniciais da EMEF Bento Gonçalves antes e as possibilidades que se abriram depois do desenvolvimento da pesquisa de Mestrado nesta instituição de ensino. O objetivo da pesquisa era conhecer as práticas pedagógicas da EMEF Bento Gonçalves na área de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF) e, a partir das fragilidades percebidas, apresentar e desenvolver uma proposta de ação pedagógica que unisse conceitos geográficos ao trabalho com a literatura infantil para alunos do 5º ano do EF. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação e os principais conceitos balizadores desta pesquisa foram o de lugar como ponto de partida para as práticas geográficas nos Anos Iniciais, a importância do professor pesquisador e a literatura infantil como linguagem que permite a reflexão acerca de temas geográficos. Além de propiciar um novo olhar para o trabalho do professor e de trazer mudanças para a escola, a pesquisa conseguiu unir a prática à teoria, no momento que buscou desenvolver um projeto de ensino na turma do quinto ano, mudando a perspectiva de ver os conteúdos geográficos tanto das professoras quanto dos alunos. Também foram realizadas pela equipe diretiva, formações para o grupo das professoras durante o tempo que durou a experiência no quinto ano como forma de integrar alunos e professoras, e com isso mostrar a importância do ensino da Geografia, nos Anos Iniciais. Quanto aos resultados, inicialmente, identifiquei práticas pedagógicas que não envolviam conteúdos geográficos. Associado a isso, os alunos desconheciam a Geografia ou ligavam a disciplina à pintura de mapas ou a visões estereotipadas. Ao final da pesquisa, percebemos alunos que se veem e veem seu lugar de vivência de forma diferente, mais consciente e, também, com criticidade. As professoras aceitaram o desafio de pensar sobre as suas práticas, reformulando-as e também inserindo inovações e conteúdos geográficos. Esta dissertação me permitiu refletir sobre as práticas pedagógicas na escola em que sou diretora, estendo o debate à comunidade escolar. Desta forma, destaco a importância e o impacto do processo de democratização do ensino, quando aproximamos a Universidade das escolas, com o intuito de ofertar a formação continuada de professores, de ter multiplicadores do conhecimento e de possibilitar condições para a equidade de oportunidades.

PALAVRAS- CHAVE: Ensino de Geografia – Anos Iniciais – Literatura Infantil – Formação Continuada de Professores.

ABSTRACT

This dissertation seeks to show how Geography was approached in the Early Years of the Bento Gonçalves Elementary School Municipal School before and the possibilities that opened after the development of Master's research in this educational institution. The aim of the research was to know the pedagogical practices of Bento Gonçalves Elementary School Municipal in the area of Geography in the Early Years of Elementary School (EF) and, from the perceived weaknesses, present and develop a proposal for pedagogical action that united geographical concepts to work with literature. 5th grade students. The methodology used was the action research and the main concepts of this research were the place as a starting point for the geographical practices in the Early Years, the importance of the researcher teacher and the children's literature as language that allows reflection on geographical themes. In addition to providing a fresh look at the teacher's work and bringing changes to school, the research was able to unite practice with theory, while seeking to develop a teaching project in the fifth grade class, changing the perspective of seeing the contents. both teachers and students. Also made by the management team, training for the group of teachers during the time that the experience in the fifth year lasted as a way of integrating students and teachers, and thus show the importance of teaching geography in the early years. Regarding the results, I initially identified pedagogical practices that did not involve geographical content and teachers who were not comfortable and safe to develop activities outside their planning. Associated with this, students were unaware of geography or linked discipline to map painting or stereotyped views. At the end of the research, we noticed students who see and see their place of experience differently, more consciously and also critically. The teachers accepted the challenge of thinking about their practices, reformulating them and also inserting innovations and geographic contents. This dissertation allowed me to reflect on the pedagogical practices in the school where I am a principal, extending the debate to the school community. In this way, I highlight the importance and impact of the process of democratization of teaching, when we approach the University of schools, in order to offer the continuing education of teachers, to have knowledge multipliers and enable conditions for equity of opportunities.

KEYWORDS: Geography Teaching - Early Years - Children's Literature - Continuing Teacher Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você costuma pesquisar para suas aulas?	39
Figura 2 - Gráfico com o resultado da pergunta “Nas suas aulas, são utilizados recursos diferenciados? ”	41
Figura 3 - Gráfico com o resultado da pergunta “Na sua opinião, o que determina um bom desempenho no fazer docente? ”	42
Figura 4 - Gráfico com o resultado da pergunta “Com qual frequência você planeja suas aulas?	44
Figura 5 - Gráfico com o resultado da pergunta “Por algum motivo você já deu aula sem planejamento? ”	45
Figura 6 - Gráfico com o resultado da pergunta “Na sua aula, já deixou de seguir o planejamento por algum motivo? ”	46
Figura 7 - Gráfico com o resultado da pergunta “O motivo que fez você não seguir o planejamento foi...”	48
Figura 8 - Gráfico com o resultado da pergunta “Em sua ação pedagógica, você segue uma linha teórica?”	50
Figura 9 - Gráfico com o resultado da pergunta “Durante o ano letivo, conseguiu trabalhar em conjunto, ou deu ênfase à língua Portuguesa e à Matemática? ”	51
Figura 10 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você trabalha com projetos de Aprendizagem?”	52
Figura 11 - Gráfico com o resultado da pergunta “Quanto à elaboração de projetos, de Aprendizagem, você possui...”	52
Figura 12 - Gráfico com o resultado da pergunta “Realizando uma breve análise do ano de 2017, destaque os pontos positivos da escola”	55
Figura 13 - Gráfico com o resultado da pergunta “Realizando uma breve análise do ano de 2017, destaque os pontos negativos da escola”	55
Figura 14 - Gráfico com o resultado da pergunta “Quando você escuta Geografia, o que vem no pensamento? ”	57
Figura 15 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você gosta de Geografia? ”	58
Figura 16 - Gráfico com o resultado da pergunta “Qual é o motivo da sua resposta na questão 2?”	59

Figura 17 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você já pensou, que a Geografia pode ser útil no seu dia a dia? ”	60
Figura 18 - Gráfico com o resultado da pergunta “Se você fosse participar de uma atividade em que pudesse ver a Geografia de outra maneira, você gostaria? ”	61
Figura 19 - Capa do livro Dandara, seus cachos e caracóis.....	65
Figura 20 - Dandara inconformada com o seu cabelo.....	66
Figura 21 - Capa do livro “O menino que colecionava lugares”	67
Figura 22 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você gostou do projeto de ensino, realizado na tua turma?”	75
Figura 23 - Gráfico com o resultado da pergunta “Qual a etapa que você mais gostou do projeto de ensino aplicado?”	76
Figura 24 – Gráfico com o resultado da pergunta “Quanto ao ensino de Geografia, você percebeu a ligação com o cotidiano depois da aplicação do projeto?”	77
Figura 25 - Gráfico com o resultado da pergunta “Sobre o bairro Morro do Paula, que você mora, após o projeto, como você o vê, hoje?”	78
Figura 26 - Gráfico com o resultado da pergunta “Frente a essas mudanças, estudar para você hoje é...?”	78
Figura 27 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você gostou das formações realizadas pela equipe diretiva?”	80
Figura 28 - Gráfico com o resultado da pergunta “Através das formações, você conseguiu refletir algo sobre sua prática pedagógica?”	81
Figura 29 - Gráfico com o resultado da pergunta “Sobre a utilização de projetos didáticos ou pesquisas científicas, nas aulas como você se sente, após ver a experiência realizada no 5º ano e as formações nas reuniões pedagógicas?”	82
Figura 30 - Gráfico com o resultado da pergunta “E agora, quais os aspectos que você considera importante para se ter um bom domínio?”	82
Figura 31 - Gráfico com o resultado da pergunta “E quanto a utilização das diferentes linguagens ao ensinar, no caso aqui, literatura infantil, o que pensa sobre?”	83
Figura 32 - Gráfico com o resultado da pergunta “Como você viu, essa experiência para a escola?”	83

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DA PESQUISA.....	13
1.2 OBJETIVO GERAL.....	15
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
2. CONCEITOS BALIZADORES DA PESQUISA.....	16
2. 1. A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS E O LUGAR COMO CONCEITO.....	16
2.2. A IMPORTÂNCIA DE PESQUISAR E REFLETIR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE.....	20
2.3. OS PRESSUPOSTOS DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....	21
2.4. A LITERATURA INFANTIL: CONCEITO E PRÁTICAS ESCOLARES.....	22
3. O CAMINHO METODOLÓGICO.....	28
4. A PRÁTICA DOCENTE NA EMEF BENTO GONÇALVES.....	36
4.1 O LUGAR: EMEF BENTO GONÇALVES.....	36
4.2 A ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS (E A GEOGRAFIA?).....	39
4.3. COMO OS ALUNOS DO 5º ANO VÊM O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	56
4.4. A PROPOSTA PEDAGÓGICA: O LUGAR E A IDENTIDADE.....	63
5. OS IMPACTOS DA AÇÃO PEDAGÓGICA.....	70
6 CONCLUSÕES.....	85
REFERÊNCIAS.....	89

APRESENTAÇÃO

O mestrado chegou na minha vida em um momento de busca. Queria fortalecer minha caminhada enquanto ser humano, descobrir minhas potencialidades e, com elas, melhorar as fragilidades.

Através deste tempo me dedicando à pesquisa, vejo como cresci e amadureci em todos os aspectos, e percebo que minha vontade e dedicação foram acrescidos de enormes curiosidades, misturados com o desejo de poder contribuir de forma concreta e diretamente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves (EMEF Bento Gonçalves), escola do município de São Leopoldo em que trabalho desde 1999.

A vontade de ingressar no mestrado veio acompanhada de um tema a ser pesquisado que me absorve e inquieta: a abordagem (ou não) da Geografia pelos professores dos Anos Iniciais.

Para que nós professores despertemos a curiosidade em aprender dos nossos alunos, é necessário, que também sejamos professores curiosos, com olhar por trás das lentes, com a disposição de fazer diferente e também ser a diferença.

E foi esse também um dos motivos que me conduziu a fazer uma prova de seleção, apresentar um projeto e ser entrevistada para ser selecionada: a vontade de fazer a diferença e de poder multiplicar conhecimento para que possamos perceber que compartilhar é possível, e que a relação entre aprendizagens não é somente sobre conteúdo, e sim sobre acolhimento e afetividade.

Penso que meu interesse em cursar o mestrado, além da busca pessoal, está também fortemente unido ao profissional. Poderia resumi-lo em quatro ideias: busca, multiplicação do conhecimento, renovação pessoal e profissional. Acredito que a pesquisa aqui realizada foi resultado da minha caminhada como aluna pesquisadora e também faz um elo entre o conhecimento e a realidade que me abarca.

O que me impulsiona a querer aprofundar meus conhecimentos é a realidade da EMEF Bento Gonçalves. Quero multiplicar e poder avançar nos desafios que nos cercam todos os dias, desafios como o de ensinar crianças que necessitam de uma maior atenção, por serem crianças carentes de tudo, mas principalmente de afeto, crianças que necessitam de um olhar mais atento e acolhedor do professor.

1. INTRODUÇÃO

A partir da minha experiência como professora da rede municipal de São Leopoldo durante tantos anos, o tema escolhido por mim e desenvolvido nesta dissertação é o ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola do campo. Sabemos o quanto é essencial o ensino de Geografia e o quão ele é somatório ao aluno, mas verificamos que nem sempre a Geografia está presente em todos os anos que formam a Educação Básica, rompendo o processo de ensino gradual e muitas vezes repassando aos Anos Finais a responsabilidade de validar o ensino geográfico. Com isso, infelizmente, o aluno deixa de apreender o espaço que o permeia, de reconhecer o seu corpo neste espaço, seus movimentos, e passa automaticamente a ter de interagir com um “espaço” já concebido, com seus conceitos já definidos, não mais na infância, e sim na adolescência.

A escolha por esse tema de pesquisa se deu como forma de conhecer e desvendar como acontece o ensino de Geografia na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves nos Anos Iniciais. Esta escola é considerada como modalidade do campo, onde a interação do currículo escolar com a realidade dos alunos é essencial, para que haja, por meio do conhecimento, transformações com novas possibilidades e perspectivas aos alunos e, por conseguinte, à comunidade.

Minha intenção é apontar caminhos para o trabalho com a Geografia e evidenciar, especialmente para professores, a importância de termos os conhecimentos geográficos contemplados em nossas grades curriculares, planos de trabalho e planos de aula diários. Por meio do planejamento, acredito que as lacunas no ensino geográfico, entre os Anos Iniciais e finais, diminuem significativamente, melhorando as práticas pedagógicas e despertando o interesse dos alunos.

Como professora, ao longo de vinte anos de carreira docente, inquietam-me as dificuldades encontradas para o ensino de Geografia, sendo assim, acredito que esta pesquisa é de grande relevância, para professores (Geografia ou não) e alunos da universidade que queiram aprofundar seus estudos nesta área e que demonstrem interesse nos Anos Iniciais, especialmente.

Essa dissertação apresenta cinco capítulos, além da apresentação. O capítulo 1 traz a introdução do trabalho, com a identificação do tema de pesquisa, justificativa e objetivos. No Capítulo 2, são apresentados os conceitos fundamentais da pesquisa, sendo dividido em quatro subcapítulos: 2.1. A Geografia nos Anos Iniciais e o Lugar como Conceito; 2.2. A

Importância de Pesquisar e uma Reflexão sobre a Prática Docente; 2.3. Os pressupostos de uma Aprendizagem significativa; e 2.4. A Literatura Infantil: Conceito e Práticas Escolares.

No capítulo 3, é apresentado o caminho metodológico, utilizado para realizar essa dissertação, isto é, a maneira como foi planejado esse caminho, do início até o fim.

Na sequência, no capítulo 4, foi abordada a prática docente na EMEF Bento Gonçalves. Este capítulo está organizado em 4 subcapítulos: 4.1 O Lugar: EMEF Bento Gonçalves; 4.2. A Análise das Práticas Pedagógicas e a Geografia; 4.3. Como os alunos do 5º ano veem o ensino sobre geografia; e 4.4. A Proposta Pedagógica: o Lugar e a Identidade

Passando ao Capítulo 5, o leitor vai poder conhecer quais foram os impactos da ação pedagógica realizada na turma do 5º ano, junto aos alunos e docentes da escola.

Por fim, encerrando a pesquisa realizada, o leitor encontrará a Conclusão e as Referências Bibliográficas, percebendo, então, o alcance da pesquisa, resultados, dificuldades, acertos e avanços, assim como, terá acesso a toda referência bibliográfica consultada para realizar essa dissertação.

1.1. JUSTIFICATIVA E PROBLEMA DA PESQUISA

Iniciei minha trajetória como professora dos Anos Iniciais, tendo ampliado minha formação com a licenciatura em Geografia e, hoje, com o mestrado na área de Ensino de Geografia. Nesta caminhada, percebi o ensino de Geografia como algo de grande relevância, não somente para o aluno se apropriar do espaço, mas também para estudar o ambiente em que vive e interage, problematiza, transforma.

Desde então, enquanto professora somente com o magistério, sempre procurei uma prática docente articulada entre os Anos Iniciais e Finais. Há seis anos estou à frente da direção da EMEF Bento Gonçalves e me inquieta a resistência dos professores de Anos Iniciais, em trabalhar os conteúdos de Geografia. Cabe destacar que, com a entrada dos Blocos Pedagógicos, menos espaço restou para a Geografia, pois o centro do ensino é a Língua Portuguesa e a Matemática, até o 3º ano. Isso, aliado à falta de segurança do professor de Anos Iniciais em trabalhar Geografia, torna perceptível uma lacuna entre a educação infantil/Anos Iniciais /Finais, aparecendo o ensino da Geografia com maior ênfase somente a partir do 6º ano. Isso gera ao aluno uma defasagem de aprendizagens, as quais já poderiam ter acontecido gradualmente ao longo dos Anos Iniciais.

Com o intuito de conhecer, de entender e também auxiliar os docentes da EMEF Bento Gonçalves em suas práticas pedagógicas nos Anos Iniciais, eu como aluna mestranda

da área de Geografia da UFRGS e também gestora da escola, quero incentivar o grupo docente a buscar o desenvolvimento de propostas pedagógicas diferenciadas para a escola, utilizando também a Geografia nas ações realizadas.

Assim, diante de todos estes fatos observados, terei como o objeto de pesquisa as práticas docentes dos anos iniciais, em uma escola do campo, na EMEF Bento Gonçalves. Retomando as ideias anteriores, meu problema de pesquisa é: Como os professores dos anos iniciais trabalham Geografia? Quais recursos utilizam? Se sentem preparados e seguros ao levar a Geografia aos seus alunos? Minha intenção é avaliar até que ponto as práticas pedagógicas atuais dos professores facilitam (ou não) o ensino de Geografia, as ações e os métodos empregados em sala de aula contribuem (ou não) para que o aluno desperte seu interesse pelas aulas de Geografia, e desta forma apresentar possibilidades de aprendizagem geográficas utilizando para isso, a literatura infantil.

Muito se tem debatido na escola, que são necessárias reflexões para apontar novos caminhos. Então, fica perceptível que, se é necessário inovar, esta pesquisa irá acrescentar novos elementos na prática pedagógica dos professores da escola, assim como, melhorar a aprendizagem dos 160 alunos que ali estudam.

No livro “Ensino de Geografia práticas e textualizações no cotidiano”, Castrogiovanni (2000, p. 11) escreve sobre os Anos Iniciais e a Geografia:

Pesquisas comprovam que muito dos professores que atuam nas Anos Iniciais não foram alfabetizados em Geografia. As crianças chegam à quinta série do ensino fundamental sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal alfabetização.

[...] Por alfabetização espacial deve ser entendida a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaboradas dinamicamente pelas sociedades [...].

Considerando que essa realidade é bem presente nas escolas, e também na EMEF Bento Gonçalves, essa pesquisa justifica-se pela necessidade de ter novos caminhos pedagógicos na escola como um todo.

A inovação e a criatividade são essenciais aos professores, pois não podemos conceber que, nos dias de hoje, nosso alunado não consiga compreender o espaço que o cerca e também nem se sentir parte deste espaço. Sabemos que a falha dos docentes em não trabalhar esses conceitos impossibilita a inserção e interação deste aluno no contexto sociocultural ao qual pertence.

No momento que há a escolha de ser professor, deve-se estar ciente que esta decisão desencadeará uma série de ações que podem resultar em oportunidades e possibilidades, por isso a importância dos docentes buscarem novas abordagens de ensino, que auxiliem na reflexão sobre as aulas tradicionais e também sobre a escola. Importante ressaltar que, junto a isso, o currículo dos Anos Iniciais deve atender ao ensino globalizado, e que junto aos conteúdos de Geografia, deve ser acrescentado na escola do campo, conteúdos que façam a diferença e que ao mesmo interajam e façam o elo entre a comunidade, a escola e a realidade sócio espacial que circunda esta relação.

1.2 OBJETIVO GERAL

Conhecer as práticas pedagógicas da EMEF Bento Gonçalves na área de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF) e, a partir das fragilidades percebidas, apresentar e desenvolver uma proposta de ação pedagógica que una conceitos geográficos ao trabalho com a literatura infantil para alunos do 5º ano do EF.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São objetivos específicos desta pesquisa:

- Identificar, a partir das observações das práticas pedagógicas em sala de aula e entrevistas, como as professoras desenvolvem suas ações pedagógicas, identificando as principais dificuldades e limitações para o trabalho com conceitos da Geografia.
- Apresentar uma proposta de trabalho com conceitos geográficos através da literatura infantil.
- Avaliar a recepção do grupo de professoras à proposta desenvolvida e às possibilidades advindas desta prática.
- Avaliar se os alunos passaram (ou não) a enxergar a Geografia a partir de outro ponto de vista, modificando a forma de ver a sua vida nesta escola do campo.

2. CONCEITOS BALIZADORES DA PESQUISA

2. 1. A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS E O LUGAR COMO CONCEITO

Neste capítulo, procurarei mostrar como é essencial no processo de ensino - aprendizagem promover o ensino da Geografia, iniciando já nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e aprofundando o conhecimento gradualmente à medida que o aluno avança em suas etapas da escolaridade. Desta maneira, nosso aluno compreenderá com muito mais facilidade, colocando em prática desde cedo, os vários conceitos geográficos.

Assim, frente à necessidade de realmente enxergar, as possibilidades do ensino de Geografia nos Anos Iniciais, buscarei teóricos como, Jean Piaget (1998), Paulo Freire (1997), Helena Callai (2009), Ana Lúcia Guerrero (2012), Milton Santos (1997), Antônio Carlos Castrogiovanni (2015), Lana Cavalcanti (1998), Rafael Straforini (2008), Nestor Kaercher (2016), Dirce Suertegaray (2014), Maíra Suertegaray Rossato (2014), Roselane Costella (2015), Lígia Goulart (2010), Nelson Rego (2007) entre outros. Todos possibilitam um diálogo entre a Geografia e as diferentes práticas pedagógicas, e contribuem para pensar o ensino da Geografia, já a partir dos Anos Iniciais.

Sabemos que a Geografia é importante na educação, não somente para o aluno se apropriar do espaço, mas também para estudar o ambiente em que vive. Infelizmente é percebido que cada vez mais nossos alunos e professores deixam este importante conhecimento excluído do processo educacional, fazendo com que muitos estudantes cheguem à fase adulta com enormes dificuldades no que diz respeito aos conhecimentos geográficos. Isso traz o risco de, cada vez mais, termos adultos totalmente desconhecedores das habilidades geográficas. Sendo assim, se faz importante e também fundamental, conhecermos os motivos pelos quais a Geografia fica, muitas vezes, longínqua do cotidiano escolar, quando na verdade, seria o conhecimento capaz de fazer o aluno interagir com a sua realidade.

Callai, (2002, p. 57) nos ajuda a entender melhor o papel do professor, dizendo que “*o professor precisa, ter clareza dos objetivos que pretende alcançar com seus alunos nessa determinada série e a partir daí considerar as situações de aprendizagem aproveitando o conteúdo que é a própria vida*”.

É a partir da vida, em tempo real, que damos sentido à aprendizagem, pois promovemos a troca de saberes entre o professor e o aluno, unindo a bagagem que o aluno

traz com o conhecimento escolar, gerando reflexões e aprendizagens novas, carregadas de significados importantes para a vivência do nosso aluno.

Nesse sentido Straforini, (2008, p.81), alerta que

Para a Geografia ser estudada não deve ser aquela enumerativa, descritiva, enciclopédica. Ela deve trabalhar com a realidade do aluno, uma realidade de múltiplas relações, ou como propõe Demo (1988), todas as dimensões que compõem a forma de viver o espaço que a cerca. O aluno deve ser inserido dentro daquilo que está estudando, proporcionando a compreensão de que lê é um participante ativo na produção do espaço geográfico, e continua, a realidade tem que ser entendida como algo em processo, em constante movimento, pois a produção do espaço nunca está pronta e acabada.

Paulo Freire (1996, p. 63) nos faz refletir sobre o educar em Geografia quando diz que

[...] o educador que ensinando Geografia, castra a curiosidade do educando em nome da eficiência, da memorização mecânica dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.

Como docente da disciplina de Geografia, muitas vezes voltei para casa, inquieta, desafiada a, na próxima aula, ser melhor, fazer diferente. Isso é algo extremamente importante, saber que o que não deu certo hoje, pode ser tentado de forma diferente amanhã, transpondo os desafios e inovando a cada dia.

Se chegarmos a cada aula com nosso caderno com as folhas amareladas, com certeza, teremos alunos cada vez mais desinteressados, mas se chegarmos com propostas novas e incentivadoras, colocando-nos à disposição para escutar nossos alunos, haverá uma mudança significativa e os resultados serão outros, com mais participação e efetiva aprendizagem.

O ensino de Geografia deve possibilitar ao aluno a compreensão da realidade e instrumentalizá-lo para que se faça leitura crítica, identifique problemas e estude caminhos para solucioná-lo. Ana Lúcia Guerrero, fala sobre as especificidades e o papel da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, dizendo que

[...] a especificidade da Geografia como disciplina escolar em relação a outras disciplinas, como História e Ciências, por exemplo está na possibilidade de compreender a realidade com base em relações que se estabelecem entre a sociedade e a natureza. Essas relações resultam na apropriação de lugares pelos seres humanos e na transformação das paisagens que integram o espaço geográfico. (GUERRERO, 2012, p. 18-19).

Helena Copetti Callai destaca pontos importantes que devem ser considerados na prática docente.

[...] o espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nelas vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem /usufruem do lazer. Isto resgata a questão de identidade e a dimensão do pertencimento. É fundamental, neste processo, que se busque reconhecer os vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, às paisagens e tornam significativos o seu estudo. (CALLAI, 2009, p. 84).

[...] compreender o lugar em que se vive, permite ao sujeito conhecer sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente. (CALLAI, 2009, p. 85).

Pelo que vimos até o momento, o primeiro tema e grande desencadeador nos Anos Iniciais é o mundo que o aluno vive e suas relações com esse mundo, como por exemplo, a constituição familiar de cada aluno, seus lugares de origem. Sugere despertar a curiosidade da criança, face ao que ela já consegue perceber. Callai, (2005, p. 240) nos faz refletir quando diz: *“Ler o lugar, para compreender o mundo”*.

Straforini (2008, p. 79) escreve que

O ensino de Geografia para as séries iniciais não deve ter objetivos díspares dos demais níveis de ensino. No entanto, não podemos desconsiderar as características didático-metodológicas próprias desse nível de escolaridade. Alguns pesquisadores como Callai(1998), Gebran (1990), Le Sann (1197) e Kaercher (1998), vêem no ensino de Geografia para crianças uma possibilidade da formação do cidadão através de um posicionamento crítico em relação às desigualdades sociais identificadas na realidade concreta das crianças.

Vejo com muita satisfação, as pesquisas nos Anos Iniciais, pois mostram o quanto é essencial refletirmos para que haja mudanças significativas na maneira de olhar o período de alfabetização, momento de trabalharmos não somente com Português e Matemática.

Guerrero (2012, p. 26), diz que *“a alfabetização é um processo que ocorre também nas outras disciplinas escolares: em Geografia, Ciências, História e Arte, (...). Isso permite ao aluno realizar uma leitura do mundo com base em um conjunto de conhecimentos socialmente construídos.”*

O lugar, dentre todos os conceitos, é que vai estar nesta pesquisa que estou realizando, pois, a meu ver, é um conceito fundamental para explicar o conhecimento geográfico em sua amplitude, pois é responsável por nos trazer as memórias, a identidade, as marcas do passado e do presente que farão parte do futuro.

Destaco o conceito de lugar trazido por Suertegaray (2001, p. 20) que diz

o conceito de lugar induz a análise geográfica a uma outra dimensão - a da existência- *“pois refere-se a um tratamento geográfico do mundo vivido”* (SANTOS, 1997, p. 67). Este tratamento vem assumindo diferentes dimensões. De um lado, o

lugar se singulariza a partir de visões subjetivas vinculadas a percepções emotivas, a exemplo do sentimento topofílico (experiências felizes) das quais se refere Yu-Fu Tuan (1975).

Para Santos (1999), o lugar é a expressão de relações que emergem do vivido.

O lugar é geral e particular das relações sociais de produção e como tal podem indicar as diferentes formas de expressão dos fenômenos sociais, as formas desiguais de reprodução da sociedade devem ser interpretadas para além das perspectivas economicistas, evolucionistas.... Para serem profundas, devem considerar o movimento que reproduz as contradições que integram e opõem diferentes sociedades”. (SANTOS, 1999, p. 118).

Castrogiovanni (229, p.15) aponta que “o lugar é formado por uma identidade, portanto o estudo dos lugares deve contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos, das paisagens, que ali existem, com os quais os alunos estão envolvidos ou que os envolvem”. Assim, a identidade que o lugar traz, nada mais é do que, a individualidade do sujeito no todo, o lugar que ocupa naquele espaço e as relações que estabelece.

Num sentido semelhante Callai (2005, p. 234) diz que “um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza”. Prosseguindo, esta autora aponta o lugar como desencadeador da leitura de mundo, em que une a curiosidade do aluno, para a compreensão e reconhecimento da sua realidade e das relações que o cercam:

A partir dos interesses da criança, podem-se desencadear diversas atividades para buscar realizar o exercício da palavra e o esforço de ler o mundo. Poderíamos apontar para o estudo de determinadas realidades, que, se consideradas como uma situação geográfica, seriam desenvolvidas a partir do reconhecimento do lugar, pode ser da rua, da casa, da família, pode ser do bairro, ou da escola, ou mesmo da cidade. O fundamental é saber do que se pode partir, e se a curiosidade for exercitada na sala de aula, as crianças mesmas podem definir o que estudar. Na verdade, o conteúdo que será considerado não é de modo algum o mais importante”. (CALLAI, 2005, p. 240).

Então, quando se trabalha a família, a escola, o bairro, outros grupos sociais, o professor está trazendo a realidade do aluno; junto à escola, o aluno vai se descobrindo parte deste lugar, com seus direitos e deveres, vai agindo, com o que sabe, sobre si, e assim descobrindo, suas vontades, seus anseios, suas tensões e fragilidades, neste mundo descoberto.

Straforini (2008, p. 81) aponta que *“os pesquisadores dessa área são unânimes, quanto a escolha da realidade dos alunos, ou seja, o lugar de convivência, ou ainda, o imediato concreto, como ponto de partida para ensinar Geografia para as crianças”*.

Na mesma linha, Ponthuschka (1999, p.133) defende que *“as condições de existência dos próprios alunos e seus familiares são ponto de partida e de sustentação que podem garantir a compreensão do espaço geográfico, dentro de um processo que vai do particular ao geral e retorna enriquecido ao particular”*.

2.2. A IMPORTÂNCIA DE PESQUISAR E REFLETIR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Aqui, chamo a atenção para a importância de termos professores pesquisadores em todas as etapas do ensino, incluindo os Anos Iniciais.

Sabemos que a contemporaneidade exige uma escola diferente, e que a pesquisa, é uma importante ferramenta, pois a partir da pesquisa com/na escola, refletimos e construímos novas formas de compreensão de currículo, disciplina, interdisciplinaridade. Torna-se primordial o professor perceber que a tarefa dele vai muito além do ensinar o conteúdo, mas sim dar significado para aquele aprender e compreender como o aluno constrói esse conhecimento.

Lopes (2010, p. 72) nos elucida quanto a ser professor pesquisador e diz

nossa prática como professores-pesquisadores requer que estejamos concentrados nas práxis, cujo resultado é a fundamentação do conhecimento e dos saberes implícitos na pesquisa, sendo que os resultados visam nortear as práticas do ambiente escolar. Cabe ao professor participar desse processo de aprendizagem agregando à ação a postura do ser crítico e reflexivo.

Entendo que precisamos modificar as raízes desse sistema disciplinar, com currículos fragmentados e pouco significativos. Muitos desafios ainda estão por serem vencidos, uma vez que a nova concepção de educação nos exige muito mais do que somente repassar informação, exige construir conhecimento com o todo.

Sabendo que somos nós os professores, junto aos nossos alunos, os protagonistas, fica notória a necessidade de impulsionarmos uma nova repaginação no processo educacional. Se não modificarmos suas raízes, seus pensamentos, seus olhares, e seus arredores, corremos o risco de ficarmos perdidos em uma multidão de sonhos, com poucas perspectivas e oportunidades para todos.

A possibilidade de interagir na nossa realidade a partir da participação efetiva construída pelo conhecimento com real significado se dá por meio de um conhecimento não fragmentado, mas globalizado, não centrado na disciplina, mas na relação entre diversos saberes, trazendo mudanças necessárias para se ter uma sociedade mais inclusiva, e um mundo com mais qualidade a todos.

2.3. OS PRESSUPOSTOS DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A aprendizagem deve ser construída ao longo dos anos de maneira prazerosa e significativa para o aluno. Aprender por aprender não tem significado algum. Entretanto, se a cada momento o conhecimento for aprofundado, com certeza a aprendizagem se dará de forma bem mais solidificada para toda a vida e não somente para aquele momento, para aquele dado ano escolar.

Piaget (1998, p. 20) diz que

[...] uma aprendizagem compreensiva requer que o professor conheça o pensamento do aprendiz, apresente problemas que lhe pareçam interessantes, e para os quais ele possa oferecer resposta. Isto significa, em outras palavras, que o professor precisa sondar o nível de desenvolvimento da criança antes de planejar o ensino.

Para Piaget, a escola deve partir dos esquemas de assimilação das crianças, propondo atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivos, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento. Ao contrário do ensino tradicional onde não são consideradas as vivências e experiências trazidas pelo aluno onde a escola precisa preencher os conteúdos, temos a visão sobre o sujeito que já possui conceitos espontâneos que permitem entender a realidade e relacionar-se com elas. Levar isto em conta implica a escola ver o aluno com experiências importantes, como ponto de partida para a formação dos conceitos científicos.

A formação de um aluno que seja capaz de buscar e construir seu próprio conhecimento é o principal objetivo desta escola, tornando-o um sujeito crítico, participativo e autônomo, que seja capaz de pensar, criar e agir frente aos desafios do mundo. Isto será possível se for levado em conta os princípios da liberdade e solidariedade, respeitando a diversidade cultural, étnica, religiosa, política, sexual, de gênero e geracional.

Tornar a escola um espaço social de discussão é o que desejamos, para isso nossos esforços se debruçam sobre a possibilidade de despertar no aluno a vontade da busca pela

construção dos seus próprios conhecimentos e a formação integral necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Esta construção e apropriação do conhecimento, com o objetivo de transformar a sociedade, dar-se-ão com um processo de ensino e aprendizagem que percebe o mundo através de mudanças bruscas e rápidas, onde existe necessidade de formarmos cidadãos com consciência ética e moral, autônomos, críticos, criativos e líderes capazes de encontrar soluções e desafios da vida.

É essencial perceber a necessidade de ter o conhecimento como um processo de construção contínuo e ativo do sujeito, que se dá a partir de suas relações com o meio, com a cultura, invenções, experiências, valores acumulados e assimilados, que se manifesta tanto no desenvolvimento das pessoas, como na modificação do meio. Segundo Fernando Becker (2001, p. 26),

conhecer é transformar o objeto e transformar a si mesmo. (O processo educacional que nada transforma está negando a si mesmo). O conhecimento não nasce com o indivíduo nem é dado pelo meio social. O sujeito constrói seu conhecimento na interação com o meio – tanto físico como social.

Além disso, devemos levar em conta o ritmo de aprendizagem de cada aluno e os seus erros construtivos, pois estes fazem parte de seu desenvolvimento para alcançar níveis superiores de conhecimento.

Paulo Freire (1996, p. 54), que com certeza embasa nossa prática em sala de aula, quando diz que

Educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da história e onde a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual como em relação à classe de educandos, é essencial à prática pedagógica proposta. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências de vida dos educandos antes de chegar à escola o processo será inoperante, meras palavras, sem significado real.

2.4. A LITERATURA INFANTIL: CONCEITO E PRÁTICAS ESCOLARES

Neste item procurei diferenciar a literatura e a literatura infantil, mostrei como a Geografia e a literatura infantil podem dialogar, falei da necessidade de repensar as práticas pedagógicas do professor, buscando na literatura uma fonte de aprendizagem. Também foi possível reconhecer as diferentes faixas etárias do público leitor infantil, identificando as suas características e apresentar o tipo de texto literário que trabalharemos na proposta pedagógica: o texto narrativo. Assim, é importante conhecer a literatura infantil, seu significado e suas

contribuições, estabelecendo uma conexão entre a pesquisa realizada por esta orientanda e as ideias relacionadas à literatura infantil. Gostaria de ressaltar que meu olhar se voltou para a literatura infantil já a algum tempo, mas foi com a disciplina que fiz intitulada “os Múltiplos Contextos da Aprendizagem em Geografia”, ministrada pelas professoras: Maíra Suertegaray Rossato e Roselane Costella, que pude aprofundar minhas leituras sobre o tema e entendê-la como uma linguagem que permite, entre tantas coisas, a construção do conhecimento geográfico.

Penso que momentos como esse são nosso oxigênio, pegamos fôlego, para desbravar novos caminhos, na busca incessante de dar ao nosso aluno, a oportunidade de avançar, traçando caminhos que sejam de sucesso, realização e possibilidades.

Para início de conversa, penso que se faz necessário compreender como iniciou a literatura infantil. Entre os séculos V e XV, se viveu a época medieval e não se conseguia muitas vezes diferenciar o que era infantil ou adulto, devido a essas diferenças serem muito pequenas, pois a criança, como era considerada um pequeno adulto, participava de toda rotina da casa, inclusive, sendo considerada como alguém capaz de fortificar a família e participar na sociedade. Escapando com vida dos trágicos e banais motivos que levavam inúmeras crianças a morte, a criança aos sete anos de idade, já era encaminhada para aprender uma profissão. (SILVEIRA, 2012).

Até o século XVII, não se ouvia falar de literatura infantil, até porque, até essa fase as crianças eram vistas como adultos em miniaturas. Foi neste século que começaram os primeiros passos. Os textos de literatura infantil se encontravam em livros publicados, preparados especialmente para as crianças e tinham um cunho pedagógico e de apoio ao ensino.

Mas o que se entende por literatura infantil? Cadermatori (1986, p.8) caracteriza a literatura infantil em relação à literatura e aponta que

a principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo que determina o público a que se destina. A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. Supõe-se que este seja formado por quem quer que esteja interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe, a priori, o que interessa a esse público específico”.

Dessa forma, percebe-se que o que a diferencia entre elas é o público e a linguagem. Coelho (2000, p.29), ao falar desta diferença, diz que a literatura infantil tem, “*em essência, a mesma natureza daquela que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança*”.

Coelho (2000, p. 27) acrescenta novos dados ao debate, dizendo que *“a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.”*

Ainda segundo esta autora, a literatura infantil pode servir como agente de formação no convívio espontâneo leitor/livro, ou no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (COELHO, 2000). Assim, vemos a importância da leitura e da literatura a cada dia, de forma expressiva e ampla em diversos contextos.

Diante de tantas possibilidades, de se relacionar com o outro, de entender além da subjetividade, e também como forma de conhecer o seu eu, a sua alma, e os sentimentos mais profundos, é que se faz necessário ler, não somente as palavras uma a uma, mas a frase inteira, com profundidade e reflexão, mas também como um exercício leve que propicie a diversão. É essencial que haja um elo condutor entre o leitor e suas leituras, caso contrário, a leitura não despertará sentido.

Então, acreditando nisso, vendo a literatura como um caminho para encantar o aluno, é que pensei ser importante este desafio para nossa proposta pedagógica, no quinto ano, tendo como enfoque conceitos de identidade e lugar.

A literatura não pode ser vista somente como mais um recurso didático, utilizado em sala de aula, para simplesmente ilustrar nossas aulas, mas sim, com um outro viés no processo de aprendizagem, o de protagonizar o conhecimento de uma forma lúdica e criativa. Silva (2009, p. 13), ressalta: *“Cabe ao professor dos primeiros anos o papel mais importante, o de despertar o gosto pela leitura, de seduzir o leitor desde seus contatos iniciais com os livros, antes mesmo que ele seja capaz de decifrar o código escrito”.*

Acredito que quando a professora Gláucia de Souza sugeriu esse capítulo na qualificação, queria que a pesquisa fosse além do que já está posto, para o conceito de literatura infantil, queria que descobríssemos o verdadeiro sentido de ver e ter a literatura infantil, presente, em nossas salas de aula. Sabemos muitas vezes que as práticas diárias pedagógicas dos professores estão desgastadas, e a literatura vem, então, trazer cor.

Silva (2009, p.31) contribui para esse debate quando diz que

a escola que a literatura apresenta hoje ao leitor propõe-se a constituir um espaço de aprendizagem completa, onde se estudam os conteúdos curriculares, onde se tem a preocupação com a memória cultural, onde se cultivam os valores humanísticos- onde se aprende a ser um verdadeiro cidadão.

Sendo assim, quando o professor pensa em trabalhar com a literatura infantil em suas aulas, tem de pensar na relação do texto, do conteúdo, do conceito, com os sujeitos que ali estão.

Beraldi e Ferraz (2012, p.194) acrescentam que

o fio condutor do trabalho que relaciona Literatura e Geografia depende muito do professor e da maneira como os questionamentos e debates acerca dos textos serão feitos. Este não é um trabalho mecânico, não possibilita a compilação de ensinamentos numa cartilha em que haja detalhadamente o como fazer. Exige um posicionamento de que a Geografia é importante nos Anos Iniciais e que deve estar em constante diálogo com outros saberes produzidos em diversas áreas do conhecimento.

Esse artigo de Beraldi, que tem como título “Diálogo necessário entre a Geografia e a literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental”, aborda o tema que estou pesquisando, indicando como é importante o estudo da Geografia nos Anos Iniciais, começando já na Educação Infantil, estendida até o 5º ano.

As autoras supracitadas apontam que linguagens diferenciadas são importantes no ensino de Geografia.

Compartilhamos a ideia de que a Geografia a ser estudada deve compreender múltiplas relações, mas também múltiplas linguagens, principalmente aquelas que têm um apelo mais chamativo a faixa etária. A pintura, a música, as literaturas compõem este rol de interesses, muito também devido a características das crianças da faixa etária, onde a ludicidade e o contato com linguagens mais acessíveis ao seu pensar são fundamentais”. (BERALDI; FERRAZ, 2012, p. 192).

No artigo “O ensino de Geografia e a literatura: uma contribuição estética” (SILVA e BARBOSA, 2014, p.83), é colocado que

o ensino de Geografia a partir da relação interdisciplinar com a literatura promove a superação de educação estática”, que, segundo Castellar (2010, p.39), é um dos “desafios colocados para os professores nos dias de hoje, o de superar os vícios de uma educação estática, inerte e ineficaz, investindo em educação com mais qualidade e criatividade.”

Literatura infantil destina-se, como já vimos, a um público em especial que são as crianças. Coelho (2000) nos traz as diferentes categorias de leitor infantil que encontramos. Neste texto, darei destaque às categorias relacionadas à faixa etária dos alunos dos Anos Iniciais. É importante reconhecer essas fases, que fazem parte do mundo infantil, para que possamos perceber como a criança irá interagir com a leitura. Todo esse conhecimento é agregador para que possamos perceber a importância da literatura infantil, não somente, como

um recurso de ensino, mas sim uma forma de chegar mais próximo da criança, e do seu mundo e de suas vivências.

A partir dos 6/7anos, a criança é considerada leitor iniciante.

Nesse momento então a criança é estimulada a conhecer o mundo encantado da leitura e da escrita, decifrando seus símbolos. Os textos aparecem de forma breve, sempre interagindo com desenhos ou imagens, onde o interesse da criança seja efetivo, aqui ainda é importante a presença. Os de adulto atento as aprendizagens, e precisam de apoio dos adultos demonstrando o interesse no que elas fazem, como espectadores fiéis, de suas conquistas. (COELHO, 2000, p. 201).

Na fase dos 8/9 anos, a criança já é um leitor em processo que já consegue ler e demonstrar uma certa criticidade sobre (COELHO, 2000).

Percebe-se como primordial a formação literária do professor, para que possa escolher o livro que mais se adequará ao seu aluno, capaz de despertar curiosidade e o encantamento as crianças. A escolha do livro permite que os alunos possam, através do cotidiano de cada um, trocar experiências a partir das suas vivências, mas também dos sentimentos despertados, pela leitura.

O texto a ser escolhido pode ser de vários tipos: romance, novela, conto, crônica e fábula. Nessa proposta, utilizaremos o texto narrativo/conto, que é um tipo de texto que apresenta as ações de personagens, narradores e enredos em um determinado espaço e tempo. Um texto narrativo pode ser verdadeiro ou fictício, e geralmente é escrito em prosa.

O conto traz, ainda, referências importantes com significados bem marcados da vida dos personagens. Nesse caso, a visão de mundo aqui apresentada, é sob somente uma linha, que representa o todo. É o tipo de texto mais simples da forma narrativa, são situações, breves relatos para contar algum conflito, acontecimento. No conto, as histórias são diminuídas, e as frases também são mais curtas, assim como, o número de palavras geralmente em cada frase são menores.

Em contato com os contos atuais, é visível que autores contemporâneos nos apresentam novidades, pois abordam a rotina vivenciada pelas crianças, possibilitando diversas conexões do vivido com o lido, abordam questões sociais, existenciais, éticas e religiosas, que são assuntos de relevância em nossos tempos atuais.

Dessa forma, as literaturas, através de narrativas modernas, servem de elos preciosos a criança, no que tange às suas vivências e às particularidades de sua infância. A literatura dá vida a isso, fazendo com que a criança desperte o seu protagonismo e, com isso, vá constituindo o seu viver, encontrando na leitura o aconchego e a alegria que esse folhear de páginas apresenta.

Nesses tempos digitais em que vivemos, cada vez mais, de forma instantânea, surgem alternativas mais modernas que pensam em substituir o livro físico, o folhear das páginas e o seu colorido. Novos aplicativos, novos equipamentos, que transformam a relação com a leitura. Esperamos que esses novos tempos não tirem a magia, o encantamento, que a literatura promove, a infantil, em especial. Esperamos que os autores e leitores utilizem o digital para aprimorar a arte de fazer um livro infantil, e de ler o livro. A escuta dos sentimentos de quem escreve e de quem lê transcende a forma como a leitura será feita.

Reconhecemos que a era digital foi importante passo para o mundo conectar-se e ampliar suas fronteiras, mas assistimos também o quanto o acesso à internet é diferente entre as pessoas. Enquanto uma fatia pequena de pessoas consegue ter o domínio do mundo digital de forma mais ampla, um grande grupo não tem sequer o acesso ou só é treinado para acessar. Essa diferença entre o domínio e o acesso resulta em diferenças de oportunidades e não pode a literatura entrar, também, nesse sistema, porque seu acesso tem de ser universal. Assim, entendemos ser o incentivo a leitura de crianças e adultos essencial.

3. O CAMINHO METODOLÓGICO

Neste capítulo, faremos a apresentação do caminho metodológico construído para elaboração desta dissertação, bem como, os pressupostos teóricos que estarão auxiliando diretamente na pesquisa realizada por esta mestranda.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, junto à lei de diretrizes e bases, ao Decreto de nº 7352/10 e a BNCC, propõem um trabalho pedagógico que promova a capacidade de observar, analisar, comparar, explicar, representar e conhecer as características do local em que se vive, e assim possa construir noções de diferentes paisagens, bem como do espaço geográfico como produção da sociedade.

Esse trabalho pedagógico, tão almejado pelo professor, pode ter na pesquisa, uma grande aliada, para adentrar, provocando a diferença, no fazer pedagógico do professor no dia a dia.

Bergamo, (2010, p. 12), enfatiza que

realizar uma pesquisa, portanto, é sentir-se instigado pela curiosidade, pelo desejo de busca e superação. É saber trabalhar com os indicadores que afloram durante a coleta de dados, visto que todo processo é importante, não somente o resultado alcançado.

Desta forma, é importante definirmos o que é pesquisar, para daí então, darmos continuidade ao capítulo. De acordo com Ferreira (2004, p. 627), pesquisar trata-se de *“uma investigação e estudo, minuciosos e sistemáticos, com o fim de descobrir conhecimentos”*.

Pesquisar, talvez, seja um momento inspirador para o professor. Ao planejar seu fazer docente, são vários fatores que podem desencadear a pesquisa, mas acreditamos que o principal é fomentar nele mesmo a busca pela identidade do ser professor.

As pesquisas nas escolas, desta maneira, se tornam uma estratégia importante para o professor conseguir instigar nele mesmo a vontade de se apropriar mais, a fim de conseguir estabelecer uma boa conexão entre o ser e o estar professor em sala de aula. Aqui, quando falo sobre a pesquisa na sala de aula, refiro-me ao professor pesquisador, isto é, aquele que tem a sua prática como objeto de pesquisa e de reflexão.

Bergamo (2010, p.13) nos faz refletir sobre a prática pedagógica, quando diz que

o olhar para o cotidiano da escola é imprescindível, pois é nele que se manifestam os fenômenos educativos e, para que possa melhor compreendê-los, é necessário investigar, buscar referenciais teóricos, fazendo a leitura das diferentes situações existentes nesse contexto à luz das contribuições evidenciadas nesses referenciais.

Posso dizer que a pesquisa é movida pela ação de unir a teoria à prática, digo movida, devido à vontade de buscar caminhos, para fazer melhor.

Neste momento, também se faz pertinente, conhecer um pouco mais sobre o professor pesquisador e o contexto que atua. Becker (2007, p.13), nos esclarece que

o professor que não reduziu sua função às realizações de uma máquina de ensinar ou aos procedimentos burocratizados de um “ensinador”, constrói e, sobretudo, reconstrói conhecimentos. É o que faz o pesquisador, pois um conhecimento nunca inicia do zero e nunca é levado a termo de forma definitiva. Ele assim procede não para ser pesquisador, mas para ser plenamente professor. Neste sentido, pesquisar faz parte da função docente. Faz parte da nova concepção de professor.

O professor tem que sentir vontade de experimentar novas maneiras de se apresentar ao ser professor na contemporaneidade e enxergar na dúvida do seu aluno, não algo provocativo (no sentido ruim), mas sim uma curiosidade estimulante, que irá trazer outros saberes, outros olhares, ao aprender.

Buscando melhor entender, Becker (2010, p.18), diz que *“a docência atual deve poder contar com professores que contextualizam o que ensinam por força de sua atividade investigadora; que sejam capazes de refletir sobre as múltiplas formas pelas quais os alunos assimilam os conhecimentos que ensinam”*.

O professor pesquisador deseja que seus alunos consigam compreender o que estão aprendendo, portanto, sempre avalia a sua ação e a modifica quando percebe que deve. Esse professor aceita críticas, sugestões e gosta de escutar seus alunos (seus interesses, do que gostam, do que não gostam); há um envolvimento afetivo.

Esse professor é quase igual aos outros, somente, com uma grande e notável diferença, tem coração, enxerga, acolhe, vislumbra um mundo de possibilidades aos seus alunos, exerce a empatia, e consegue ter a consciência, que seu trabalho poderá transformar vidas. A aprendizagem é uma via de mão dupla, com trocas de todo tipo (aprendizagens e acolhimento), entre o professor e seus alunos.

Quando pesquisamos, estamos decifrando os caminhos que nossos alunos percorrem desde a pergunta, até a construção das novas conquistas do aprender. O professor, nessa construção, entra com que já pesquisou, o aluno com a sua curiosidade em aprender e também o que traz consigo; no final, novos saberes são construídos a muitas mãos.

Marques (2007, p. 62) sintetiza o que é o professor pesquisador, dizendo:

É na medida em que pesquisa que o professor descobre o que ensinar e como fazê-lo. O professor que pesquisa permanentemente o pensamento do seu aluno, não só

como conteúdo, mas também como capacidade, tem mais do seu aluno, não só conteúdo, mas também capacidade, tem mais chances de ter sucesso no seu ensinar. Logo, respondendo à questão apresentada no início do texto, o professor pesquisa e ensina. É a pesquisa que lhe dá condições de ensinar. É a pesquisa que lhe permite aprender a ter condições de ajudar seu aluno a aprender.

E o professor pesquisador na Geografia? É importante também ver como a pesquisa se encontra com a Geografia. Castrogiovanni (2003, p. 25), ao refletir sobre este tema, nos diz que o professor de Geografia *“busca por meio de seu saber pedagógico ampliar o conhecimento do aluno sobre o mundo, sobre a relações da sociedade e da natureza, das quais participa e promove valores e atitudes que concorram para uma sociedade melhor”*.

Cacete, Paganelli e Pontuschka (2007, p.145), afirmam que

o professor de uma disciplina específica com uma atitude interdisciplinar abre uma possibilidade de ser um professor-pesquisador porque deve selecionar os conteúdos, métodos e técnicas trabalhados em sua disciplina e disponibilizá-los para contribuir com um objeto de estudo em interação com professores das demais disciplinas. Isso não pode ser realizado sem uma pesquisa permanente.

Sabemos que o verdadeiro e importante conhecimento, para a vida não vem somente de uma fonte, mas da mistura dessas várias fontes, onde o processo de ensino-aprendizagem terá como centro a curiosidade e a realidade do aluno, e não um conteúdo programático pronto, sem nenhum significado, em grande maioria, a partir de realidades distintas a qual a escola está inserida.

Desta forma, mais uma vez somos contemplados pelas ideias de Cacete, Paganelli e Pontuschka, (2007, p.149), ao nos fazerem refletir com o seguinte parágrafo:

Pensar e agir interdisciplinarmente não é fácil, pois passar de um trabalho individual e solitário, no interior de uma disciplina escolar, para um trabalho coletivo faz emergirem diferenças e as contradições do espaço social que é a escola. O pensar interdisciplinar vai à busca da totalidade, na tentativa de articular os fragmentos, minimizando o isolamento nas especializações ou dando um novo rumo a elas promovendo a compreensão do pensamento e das ações desiguais, a não fragmentação do trabalho escolar e o reconhecimento de que alunos e professores são idealizadores e executores de seu projeto de ensino.

Castrogiovanni et al. (2007, p.60), diz

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como indivíduo repleto de experiências de vida, com curiosidade sobre o mundo em que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem está na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como um mero receptor de informação, mas como um sujeito que cria, que pode transformar.

Como exemplo do trabalho com a pesquisa na escola, em que se inclui a Geografia, vou citar o Projeto Amora, desenvolvido no Colégio de Aplicação da UFRGS nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental e nos mostra, na prática, como a interdisciplinaridade pode contribuir na aprendizagem. Entendemos que o processo de aprendizagem, na contemporaneidade, não deve ser algo somente disciplinar, em que apenas os conceitos da disciplina são levados em questão, sem haver um enlace por outros conhecimentos. Nenhum conhecimento se produz sozinho. As práticas do Projeto Amora são objetos de investigação por parte dos professores da equipe o tempo todo e, a partir de reflexões do grupo, sofrem modificações.

Assim, fazem-se necessárias novas formas de trabalho docente, a pesquisa é fundamental para reflexão sobre a nossa prática, para discutir os conteúdos e a forma de abordá-los, por exemplo.

Suertegaray (2002, p. 111), esclarece sobre pesquisa, escrevendo, que a

pesquisa significa compreender o mundo através de respostas que construímos sobre este mesmo mundo. Estas respostas são expressão da interação entre sujeitos e entre sujeitos e objetos. Pesquisar pressupõe conhecer o outro - o outro sujeito, o outro objeto. O ato de pesquisar é um ato de conhecimento, portanto, é parte do processo de educação.

Nesta dissertação, encontro-me na posição de professora pesquisadora, pois me coloco a refletir sobre as práticas pedagógicas nos Anos Iniciais e os conhecimentos geográficos inseridos nestas práticas. Minha investigação está amparada nos pressupostos da pesquisa-ação, metodologia que promove ações através de análises e reflexões, como forma de intervir na resolução de dificuldades encontradas. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador e os pesquisados, interagem de forma dialógica, em busca de novos conhecimentos.

Na perspectiva da pesquisa-ação, são pensadas estratégias, de acordo com Franco (2005, p. 487), *“cabendo ao pesquisador assumir os dois papéis, de pesquisador e de participante, e ainda sinalizando para a necessária emergência dialógica da consciência dos sujeitos na direção de mudança de percepção e de comportamento”*.

Através da pesquisa-ação, é possível aproximar a teoria à prática, em um trabalho coletivo, onde pesquisador e pesquisados, conseguem avaliar os avanços e o que precisa ser ainda aperfeiçoado, ou descoberto. Outro ponto importante é que pesquisador e pesquisados, são do mesmo meio, sendo possível, assim, uma melhor integração, com possibilidades de resultados mais significativos.

Suertegaray (2014, p. 62) também contribui, trazendo que

a sistemática de trabalho em pesquisa-ação se desenvolve em ciclos de planejamento, ação, observação e reflexão, o que oportuniza aos participantes a teorização sobre as práticas, bem como a compreensão das relações entre as circunstâncias e a ação, através de dados, de análise e de argumentação desenvolvida, examinada e comprovada criticamente.

Neste processo, é importante o professor saber o que quer alcançar, por isso a fase do planejamento é preponderante, pois ela é que vai alinhar os outros passos.

Monteiro (2002) apud Franco (2005, p. 499) diz que as ações docentes tendem a se tornar habituais e que são os hábitos que dão sustentação às ações, e, em seguida afirma que *“a re(visão) de nossas ações permite a transformação delas”*. A seguir, o autor afirma que considera a revisão *“uma operação teórica, reflexiva sobre as ações efetuadas ou a serem efetuadas; é o estabelecimento de uma nova prática... por um novo olhar sobre ela.”*

Há uma colaboração importante de Franco ainda sobre a pesquisa-ação, *“Falar em processo de pesquisa-ação é falar de um processo que deve produzir transformações de sentidos, ressignificações ao que fazemos ou pensamos”*. Ao professor todos os dias é dada a chance de ressignificar a sua docência, almejar e perseguir uma prática que realmente tenha coerência com o significado de sermos professores, uma prática reflexiva e capaz de ir além do senso comum, de simplesmente professar novos conteúdos, e sim construir novos conhecimentos.

A partir dos pressupostos aqui apontados, que destacam a importância da conduta de ser professor pesquisador, isto é, aquele docente que reflete sobre o seu fazer pedagógico, associado à prática da pesquisa-ação como forma de refletir sobre a realidade com professores e alunos e modificar as práticas da EMEF Bento Gonçalves, apresento as etapas de desenvolvimento da minha pesquisa.

Como parte de um processo de conhecimento das práticas pedagógicas nos Anos Iniciais, apliquei um questionário junto às professoras da escola, para conhecer o perfil das docentes, como também, as práticas pedagógicas desenvolvidas na EMEF Bento Gonçalves. Procurei destacar no questionário aspectos importantes sobre a prática docente, como a disponibilidade para a pesquisa, o tempo de planejamento, a flexibilidade deste planejamento e a inserção de elementos diferenciados, como o trabalho com a Geografia e também os projetos de aprendizagem.

Além de conhecer as práticas das professoras, achei relevante aplicar um breve questionário para perceber como os alunos viam a Geografia na escola, o que esta disciplina representa para eles. Unindo estes resultados, as respostas das professoras às dos alunos, procurei construir a proposta pedagógica a ser apresentada no 5º ano.

A partir dos resultados que serão apontados no capítulo seguinte, e buscando contribuir para o processo de ensino/ aprendizagem na EMEF Bento Gonçalves, apresentei uma proposta pedagógica para ser desenvolvida com a turma do 5º ano. Essa turma é composta de 20 alunos e caracteriza-se por ser heterogênea. Possui um aluno com distorção idade série e dois alunos que estão repetindo o 5º ano. Os alunos não possuem uma boa socialização entre eles, e estão em processo da construção de sua identidade. Esses alunos são vistos com dificuldades de aprendizagem pelo grupo de professores, e alguns ainda possuem dificuldade de ler.

Como acontece a aprendizagem de Geografia, na EMEF Bento Gonçalves? Como já foi ressaltado é a única escola, considerada do campo, pelo município de São Leopoldo, e também pelo FNDE, apesar disso, a escola percebe que seus alunos não se consideram do campo, eles trazem consigo, alguma noção disso, por suas reflexões, “o meu vizinho tem um porco bem grandão”, aqui se tem porcos, será que lá na avenida tem casas que tem porcos? Acredito que esse papel, será da escola, de fazer esses alunos, enxergar as diferenças e também saber porque elas acontecem.

A proposta abordará literatura infantil, como uma linguagem para a aprendizagem da Geografia, nos Anos Iniciais, o pertencimento, a valoração, trazendo com isto, um reconhecimento também da identidade dos alunos, neste contexto sociocultural, trabalhando com isso o resgate da autoestima dos alunos, através da identidade, tendo o lugar como ponto de partida. Penso que esta prática despertará nos alunos a curiosidade para o aprender Geografia, através da ludicidade e da linguagem da literatura.

São, portanto, objetivos desta proposta:

- fazer com que esses alunos, a partir do seu lugar de vivência (Morro do Paula), consigam estabelecer conexões, percebendo-se pertencentes a esse lugar;
- identificar as características do seu lugar de moradia (do seu bairro/sua comunidade), compreendendo as relações que ali se estabelecem e como esse lugar contribui na construção da sua identidade;
- valorizar a história da comunidade e do lugar de cada um, promovendo uma mudança na autoimagem dos estudantes.

Para o aluno fazer a leitura do mundo que o cerca, ele precisará se apropriar de sua realidade, do cotidiano, se vendo pertencer ao lugar que está. Esse sentimento de pertencimento, será fundamental para o aluno, conseguir discernir um caminho, a partir de sua realidade, agindo de forma positiva, para que vença os desafios impostos.

A Geografia nos Anos Iniciais, através de conteúdos como: cidade, bairro, o urbano e as relações entre cidade e campo, oferecerá possibilidades ao aluno de conhecer e se (re)conhecer. Através das relações entre o seu lugar e outros espaços, contribuirá para o constituir enquanto cidadão participante e atuante nesses espaços.

Maia (2010, p.183) corrobora esta ideia, dizendo que as crianças

mesmo na primeira fase escolar, identificam elementos fundamentais do espaço urbano: a rua, a praça, a escola, o bairro, o mercado. Portanto, compreender o que é a cidade, entender suas diferentes formas, paisagens e dinâmicas são objetivos fundamentais para a formação básica e, por conseguinte, para a construção da cidadania.

Penso que tudo inicia quando se procura mostrar aspectos positivo do lugar, lembrando suas especificidades, que o fazem diferente. Sua vista panorâmica, que torna qualquer final de tarde espetacular. Mas tudo isso, e tantas outras coisas passam despercebidos para os alunos. Quem vem para unir a vivência de cada um ao lugar diferente que estão, é a escola, ela será um dos holofotes a essas vivências.

Oliveira, (2007, p.34) contribui nessa temática quando diz que

o ensino de Geografia tem como papel resgatar identidades, fomentar criatividade, colaborar na construção de personalidades equilibradas, capazes de atuar nos diversos espaços da sociedade com o diferencial da ética e da cidadania planetária, continua, devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da (s) sociedade (s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país). Um dos maiores objetivos da escola, e também da geografia, é formar valores de respeito ao outro, respeito às diferenças, (culturais, políticas, religiosas), combate às desigualdades e às injustiças sociais”.

A construção dos conceitos geográficos sob a ótica do lugar, contribui para a construção da cidadania do estudante, pois permite o pensar sobre o cotidiano, através de trocas coletivas, na busca por uma sociedade mais justa e solidária.

Desta forma, Costa e Santos (2009, p.04) nos alertam que

o ensino de Geografia no ensino fundamental, tanto no campo, quanto na cidade precisa ir além da troca de materiais e manuais didático-pedagógicos. É preciso obter informações que permitam compreender as crianças nos aspectos relativos à educação na cidade e no campo e, principalmente, sobre o seu desenvolvimento cognitivo, psicológico, percepção do espaço e padrão de linguagem.

Portanto, precisamos reconhecer que campo e cidade precisam estar presentes, nas aprendizagens de Geografia tencionando na oposição do campo-cidade e urbano-rural, descobrindo os elos, constituindo-se em processo importante para a compreensão desses

espaços, e também como forma de ação sobre eles. Um ensino de Geografia, com um entrelaçamento do campo e da cidade, com intuito de descobertas significativas, se faz necessário, faz-se essencial, tanto nas escolas campesinas, quanto nas escolas urbanas.

A intenção desta pesquisa, então, é, a partir do entendimento do trabalho do docente nos anos iniciais, em particular sobre como é abordada a Geografia, e a identificação de como trabalham as professoras (suas motivações, limitações etc), apresentar uma proposta de atividade pedagógica com os conhecimentos geográficos como forma de inspira-las a ver a Geografia a partir do cotidiano e do lugar de vida dos alunos.

Com essa proposta, penso em promover a reflexão sobre a posição da geografia nos seus planejamentos, assim como desconstruir estereótipos construídos sobre esta área, especialmente entre os alunos.

Desejo mostrar a Geografia a partir de outro ponto de vista, incentivar os professores a aproximar os temas geográficos das suas aulas, como forma de estimular os alunos a interagirem com seus espaços próximos, melhorando a compreensão do mundo e suas relações humanas e sociais.

Para isso, a pesquisa alia a Geografia à literatura infantil, mais especificamente aos contos, tentando com isso aproximar a Geografia dos professores e dos alunos dos anos iniciais. A leitura abrirá possibilidades de reflexão sobre o seu lugar, sobre o seu ser e demais conexões possíveis, permitindo reflexões geográficas de tal forma que o processo de ensino aprendizagem, ocorra sem o aluno perceber.

Sem dúvida alguma, a pesquisa e o professor pesquisador são peças essenciais no processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, é importante que o professor reconheça na pesquisa um caminho que terá teorias e metodologias a serem colocados em prática, buscando, assim, formas e respostas às dificuldades encontradas e ao mesmo tempo dialogando com a Geografia e o mundo em permanente processo de transformação.

4. A PRÁTICA DOCENTE NA EMEF BENTO GONÇALVES

4.1 O LUGAR: EMEF BENTO GONÇALVES

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves está localizada no Bairro Morro do Paula, a Leste do município de São Leopoldo, fazendo divisa com os municípios de Novo Hamburgo, Gravataí e Sapucaia do Sul.

Esta se encontra inserida em uma comunidade extremamente carente, que se formou a partir da ocupação do local, que vem a ser uma das cinco Unidades de Conservação Ambiental da cidade de São Leopoldo. A extração de arenito (lajes e pedras de alicerce para construção) é uma das mais antigas atividades desenvolvidas no Morro do Paula, desde o tempo em que, pela estrada que existe hoje, passava a linha do trem que transportava o arenito extraído do local. Com isso, os trabalhadores trouxeram suas famílias para morar mais perto do seu trabalho e, assim, iniciou a comunidade. Após algum tempo com a exploração do arenito, muitas famílias vieram de vários municípios do interior do estado, como Júlio de Castilhos e também de outros estados, como de Santa Catarina, para trabalhar nas pedreiras que cresciam em número a cada ano, assim como a comunidade.

Hoje existe no bairro uma média de 2.000 pessoas que aqui estão de forma irregular, já que este local, segundo a Legislação Ambiental do país, sendo topo de morro, é uma Área de Preservação Permanente. Em virtude disso, não existe pagamento de impostos, com isso também é inexistente a rede de água, esgoto, iluminação pública e telefônica. A estrada de acesso não possui calçamento, é bastante precária, e a linha de transporte público que atende a comunidade oferece poucos horários e ônibus passa com pouca frequência.

A escola foi criada pela necessidade dos moradores do local de estudar mais próximo, pois a comunidade ficava muito distante do centro da cidade e não havia transporte público. As pessoas usavam carretas puxadas por bois, e se deslocar até o centro da cidade era demorado. Naquela época, o único núcleo comercial era o centro da cidade, que fica a 10 km de distância.

Por esses motivos, um morador muito antigo do Morro do Paula, chamado João Mello, hoje já falecido, que possuía grande parte das terras do local, preocupado com a educação de seus 12 filhos, resolveu destinar uma faixa de suas terras para a construção da escola. Por volta de 1954, a escola foi instalada em uma casa que já existia na região e fica a uns 500 metros de onde é a escola hoje, as ruínas desta ainda existem. Estas informações foram

obtidas a partir de relatos de pessoas que estudavam nesta época, pois não existem registros escritos que documentem esta primeira fase da escola.

Nos registros, existem também outros dados interessantes, como a falta de frequência de alunos ocasionada pela chuva, pois estes não tinham como vir à escola em decorrência do barro que se formava na estrada, também pela falta de agasalhos e de guarda-chuva. Este problema se estendeu por muitos anos, até que no ano de 2000, a Prefeitura Municipal passou a oferecer transporte com ônibus escolar para todas as crianças da escola.

Com o passar dos anos, o número de alunos foi crescendo e, em 2001, as turmas passaram a ser seriadas, aumentando, assim, também o número de profissionais na escola e a comunidade passou a ser mais ativa.

No ano de 2006, iniciou-se a implementação do Ensino Fundamental de 9 anos, com a abertura da turma de 1º ano, pela obrigatoriedade de todas as crianças de 6 anos frequentarem a escola. Isto foi de grande valia para a comunidade em que a escola está inserida, pois, por esta ser carente, a possibilidade de ter este ano a mais na escola, amplia o contato com materiais de desenho, leitura e escrita, embasando de forma mais consistente a construção do conhecimento dos alunos.

No ano de 2016, a escola implementou duas turmas de educação infantil, nos turnos da manhã e da tarde, havendo a possibilidade de turno integral, conforme opção dos pais. As duas turmas são mistas, comportando crianças de 4 e 5 anos de idade, atendendo até 25 alunos cada turma.

Por ocasião da elaboração do Projeto Político Pedagógico, a escola realizou um diagnóstico através da aplicação de um questionário sobre as condições de vida e trabalho da comunidade escolar. Por meio desse instrumento, se constatou que grande parte das famílias não tem uma vinculação com o campo, mesmo estando em uma área, considerada rural. Dessa forma, o questionário, assim como os relatos dos estudantes, mostrou que a principal atividade de trabalho está vinculada à extração de arenito e que famílias inteiras no passado e no presente, têm na pedreira a única fonte de renda.

Este processo vem ocasionando, com o passar do tempo, graves problemas de doenças pulmonares, devido ao pó que é inalado ao desempenhar esta atividade. Diante da dura realidade das famílias, as quais exercem um trabalho arriscado, penoso, com poucos recursos e baixa remuneração, a escola é uma alternativa para uma vida melhor. Entretanto, a escola sozinha não dá conta de toda complexidade deste contexto e compreende que precisa haver outras ações e mobilizações para melhoria das condições de trabalho e vida através de outras

alternativas de renda, bem como adesões a projetos sociais e governamentais ou não. Assim, a escola vem buscando caminhos para mobilização comunitária.

Como já mencionado, apesar da escola ser considerada do campo, ela é mais urbana que rural, pois as famílias quase não plantam, nem mesmo para a sua subsistência. O que talvez a caracterize do campo, é a distância do centro, e também o acesso que ainda é de chão batido. As famílias em sua grande maioria trabalham em indústrias, por isso, podemos afirmar que é uma escola do campo, nos arredores da cidade.

Na mineração, há o predomínio das pessoas mais idosas trabalhando e percebe-se que os jovens só vão para a extração do arenito quando já tentaram outras alternativas. Porém, ainda temos jovens, que procuram a extração do arenito, para obtenção de renda.

A EMEF Bento Gonçalves, está circundada por quatro cidades, São Leopoldo é a cidade que atende a comunidade desse bairro, as pessoas, em sua grande maioria, utilizam São Leopoldo, para serviços e comércio. Nesse contexto São Leopoldo, se configura como a cidade polo do Bairro Morro do Paula, com 223.000 habitantes.

Nossos alunos, apesar de estarem a alguns quilômetros da cidade, reconhecem nela um espaço diferenciado, é lá na cidade, que a mãe recebe o bolsa família, e conseguem passear e comer um lanche, é lá também, que minha família vai ao banco, para podermos com o dinheiro, ir ao mercado, é lá que tem o sorvete que gosto, que tem os camelôs, que vendem um monte de coisas diferentes e divertidas.

O simples fato de subir no ônibus e passar a roleta, já dá um significado diferente, mesmo que seja, passar por baixo, na viagem, vão olhando o asfalto chegando, a correria dos carros, os semáforos, a estação do metrô, o pipoqueiro, o shopping. Nossos alunos ficam encantados com a escada rolante, com o cinema, enfim, toda essa magia e encantamento, que a cidade pode trazer a uma criança, que mora a muitos quilômetros de lá, onde possui somente a padaria da “tia” e o mercado do “tio”, e uma paisagem, talvez a mais verde da cidade, de São Leopoldo, e que além da padaria e do mercado, têm uma escola e a igreja do pastor.

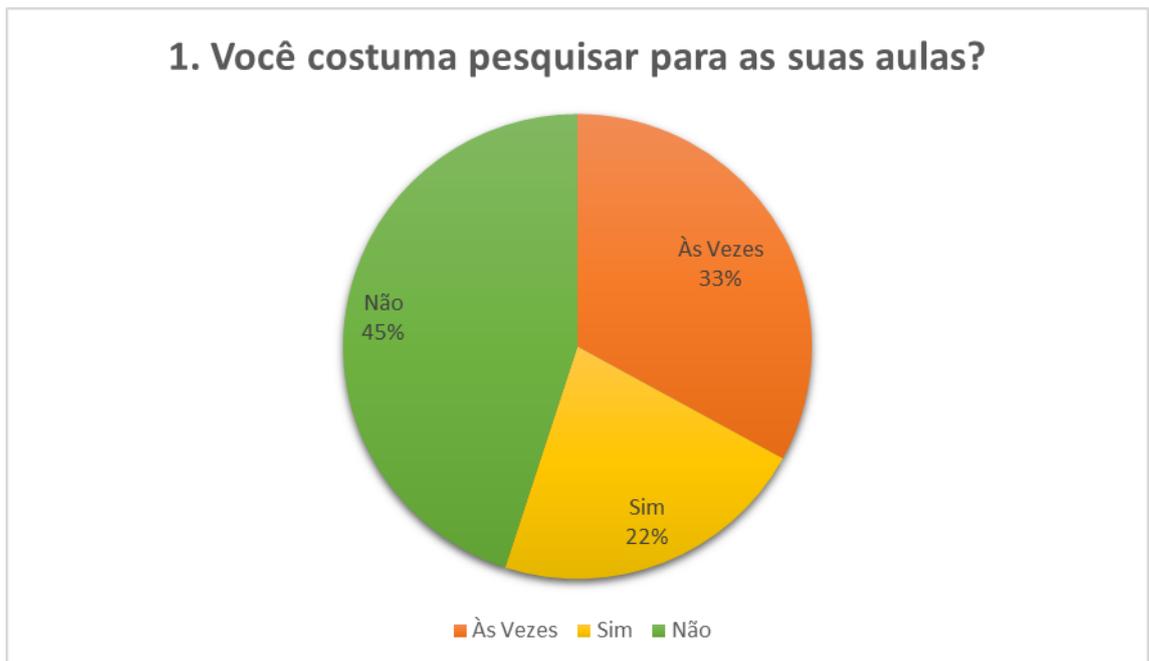
Essas diferenças que impactam a vida dos nossos alunos, e nossa também, são as diferenças, que formam a nossa identidade, a diferença de espaço, de lugar, pessoas que dividem em um mesmo espaço, em lugares diferentes, pessoas diferentes, cujo, fator preponderante é o lugar que estão, esse lugar, traz consigo, toda uma bagagem, que é capaz de individualizar o lugar de cada coletivo. O espaço nos acolhe, mas o lugar nos define.

4.2 A ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS. COMO ESTÁ A GEOGRAFIA?

Neste momento apresentarei, então, os resultados do questionário respondido pelas nove professoras da escola. As respostas foram tabuladas em gráficos, para um melhor entendimento e visualização dos resultados. Além dos percentuais, farei uma leitura do significado desses quantitativos, no processo de ensino aprendizagem, da EMEF Bento Gonçalves.

Realizando uma breve análise, em um grupo de 9 professores, ficou constatado que a grande maioria dos docentes, não pesquisa para planejar suas aulas, essa constatação, traz uma certa preocupação (Figura 1), pois Becker (2007, p.13), discorre sobre a importância do professor pesquisador, apontando que “*pesquisar faz parte da função docente, faz parte da nova concepção de professor*”.

Figura 1 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você costuma pesquisar para suas aulas?”



Fonte: elaborado pela autora

Com essa dissertação, penso ser multiplicadora dentro do grupo de professoras, fazendo um convite para se desafiarem em novas ações pedagógicas, fomentando no grupo, uma desacomodação, que se faz necessária, uma vez que, nossos alunos são merecedores, de aulas carregadas de descobertas e significados.

Entendemos que o desgaste e a desvalorização nem sempre são incentivadores, mas é preciso pensar no que representa sermos professores pesquisadores para a realidade que atuamos. Sobre isso, Cavalcanti (2015, p. 19), nos diz que

A investigação sobre a formação de professores tem apontado para os desafios diante das demandas atuais e, com esse intuito, busca demonstrar como, cada vez mais, a formação tem se tornado responsabilidade do próprio profissional, começando no período de sua formação básica, no curso de nível universitário, mas não se resumindo a ele, tendo continuidade em toda a sua trajetória profissional". (CAVALCANTI, 2015, p. 19).

Ser professor pesquisador implica aprender mais para inovar, repensar os papéis de professor e aluno. Quanto mais, o professor for consciente e sabedor de sua responsabilidade, mais condição terá de refletir sobre a sua prática, avaliando os avanços e as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem dos alunos.

O professor é um profissional cuja atividade é intelectual. Isso significa dizer que o trabalho central do professor é lidar com instrumentos simbólicos para o relacionamento com o mundo, para lidar com os desafios que surgem nas atividades cotidianas e no desenvolvimento social. (CAVALCANTI, 2015, p. 20).

Precisamos nos reconhecermos como professores do século XXI, século que já não comporta mais desgastadas formas de ensino. O professor precisa saber que sua prática hoje, vai além do conteúdo pelo conteúdo; ser professor na contemporaneidade, exige mudanças.

O ensino por conteúdos parece não satisfazer mais. Precisamos trabalhar com questões que evoquem a prática, a realidade contextualizada do aluno, com suas necessidades, seus interesses e suas tensões. E mais, é preciso trabalharmos de forma coletiva, (inter) relacionada (CASTROGIOVANNI et al, 2007).

Importante e essencial, para nós professores, é resgatar o ser professor, aquele que orienta, ensina, escuta, e mostra caminhos com possibilidades de transformação. É importante reconhecer que estamos sempre em processo de aprendizagem e de formação.

Quanto à utilização de recursos diferenciados, somente 22%, responderam que utilizam em suas aulas na EMEF Bento Gonçalves (figura 2). Os recursos selecionados para as atividades pedagógicas são importantes e trazem novos elementos inovadores às práticas. Destaco aqui, que a escola procurou melhorar a oferta de recursos para o professor utilizar em suas aulas. Foram adquiridos mapas diversos, jogos pedagógicos, TV e internet para uso dos professores e alunos.

É importante lembrar que a aprendizagem por meio das diferentes linguagens, só é possível e acontece, com a utilização dos recursos de ensino, caso contrário, fica limitado seu

alcance, pois cada linguagem, tem um recurso de ensino próprio, para poder estar presente nas práticas docentes e nas salas de aula.

Figura 2 - Gráfico com o resultado da pergunta “Nas suas aulas, são utilizados recursos diferenciados? ”



Fonte: elaborado pela autora.

Na questão referente ao bom desempenho docente (Figura 3), 67% dos professores, atribuíram o bom desempenho ao domínio e experiência. É essencial refletir sobre qual o significado de um professor ter domínio e experiência. Será que domínio e experiência bastam para termos professores comprometidos na totalidade do seu fazer pedagógico?

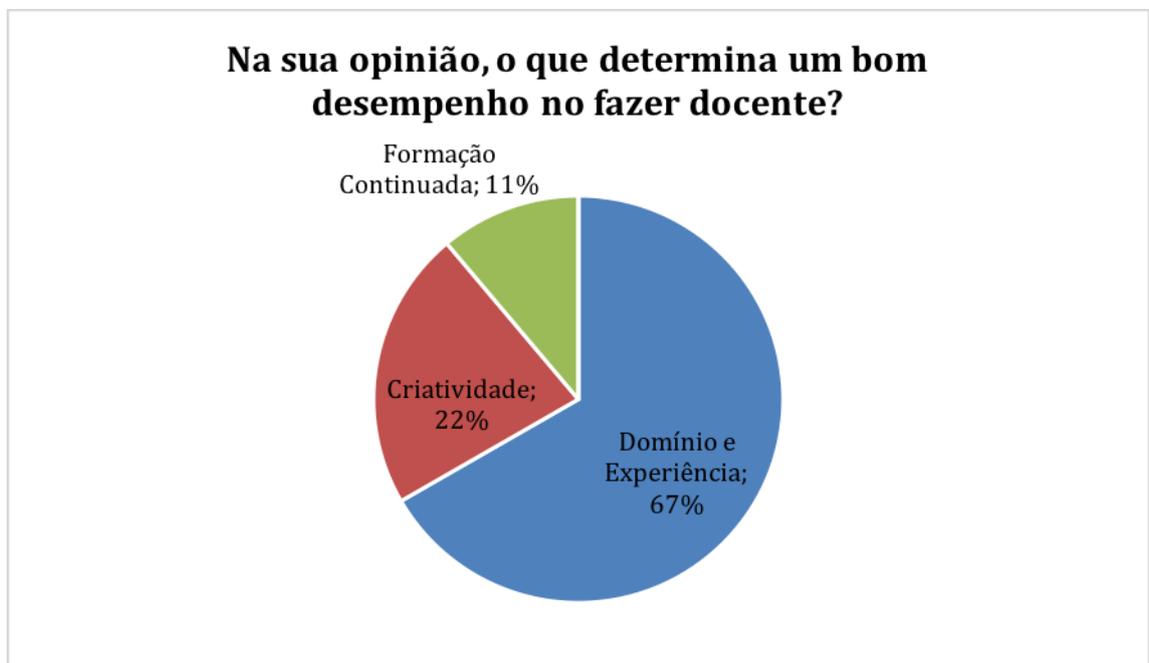
Domínio e experiência, são importantes, no chão da sala de aula, mas sozinhas, não são capazes de produzir resultados; a criatividade, a formação continuada, afetividade, o professor- pesquisador, todas elas juntas podem sim, trazer um bom desempenho docente.

Larrosa (2000, p. 165) sugere que

Talvez tenhamos que aprender a nos apresentar na sala de aula com uma cara mais humana, isto é, palpitante expressiva, que não se endureça na autoridade. Talvez tenhamos que aprender a pronunciar na sala de aula uma palavra humana, isto é, insegura e balbuciante, que não solidifique na verdade. Talvez tenhamos que redescobrir o segredo de uma relação pedagógica humana, isto é, frágil e atenta, que não passe pela propriedade.

Nossos jeitos e trejeitos encantam muito mais que o conteúdo que ensinamos. É interessante refletir sobre a nossa docência, e a leitura que nossos alunos levam consigo a nosso respeito. Para ver a importância que temos sobre nossos alunos, mesmo não sendo lembrados em relação a conhecimentos, somos lembrados pela relação de afeto que construímos com eles: uma escuta, um elogio, um olhar traz acolhimento e conforto, impactando afetivamente e despertando a vontade de aprender.

Figura 3 - Gráfico com o resultado da pergunta “Na sua opinião, o que determina um bom desempenho no fazer docente? ”



Fonte: elaborado pela autora.

Kaercher (, p.104), ao falar da autoridade do professor, diz que esta

se dá pela via do domínio do seu ramo de conhecimento (razões cognitivas) e, por razões de ordem prática, de gerenciamento da disciplina, de regramento do convívio social, no fundo, de questões éticas –morais. Tentar impor estas regras somente pela coerção, pelo medo, é tão ineficaz quanto, em nome da democracia, não estabelecer regra alguma.

Fica perceptível então, que o professor precisa combinar regras com seus alunos. O ruim é quando o professor impõe de forma arbitrária as regras, e os alunos as acatam como forma de resistência, permanecendo em atrito permanente com aquele professor.

Muitas vezes não percebemos a nossa responsabilidade como professores que somos, e ficamos inertes esperando a aula acabar, sem saber que a nossa inércia, é muitas vezes o fim de muitos sonhos dos nossos alunos. Somos todos de um mesmo mundo, buscando formas de viver melhor. Enquanto professores precisamos buscar uma relação horizontal com nossos alunos, não só de poder, mas também de afeto.

O fato de estarmos mais à frente, somente nos habilita a sermos mais companheiros e acolhedores, nossa experiência e domínio, nada mais são do que ferramentas que o tempo, nos empresta para ir à frente no caminho, orientando e mostrando, novas perspectivas, com isso novas oportunidades de futuro, transformando caminhos de vida.

E no expressivo momento em que um ex-aluno lhe chamar pelo nome, quando se encontrarem na rua, passados anos da última aula, tenha certeza que você fez a diferença, e cumpriu teu papel de professor verdadeiro. Ficou eternizado, por algum motivo, um olhar, uma palavra, ou uma pergunta, nem necessariamente, pelo conhecimento do conteúdo, mas sim pelo conhecimento de vida, que você mostrou naquela aula, algo que significou muito mais que o próprio conteúdo, mas que também foi ensinamento.

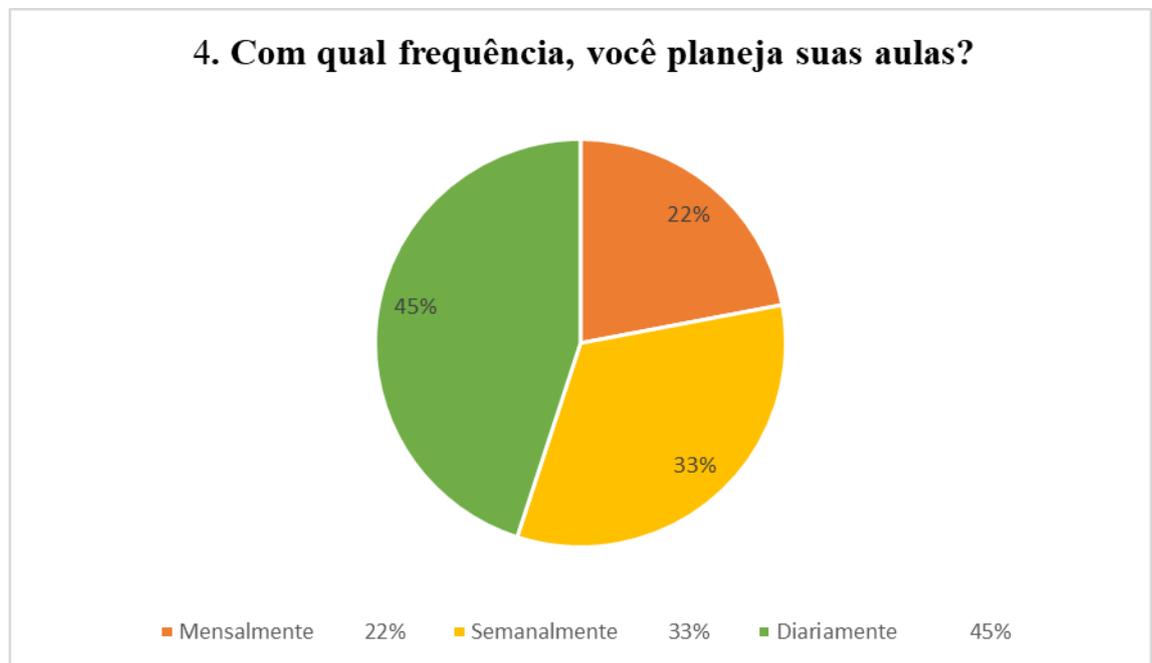
Nesse momento, pense e reflita como é valoroso ser a mola propulsora, a diferença na vida de alguém, pelo simples fato de estar ali, olhando no olho e escutando a todos atentamente, com vontade de cada vez mais perceber o brilho no olhar.

A maioria das professoras da EMEF Bento Gonçalves planejam suas aulas diariamente, definindo seus percursos pedagógicos para busca da aprendizagem que se deseja (Figura 4). Stefanello (2008, p. 64), sobre a ação do planejar, diz que

a preparação das aulas é uma atividade na qual o professor precisa estar constantemente se redirecionando. Precisa retomar, sempre que necessário(...). Além disso, para a organização de uma aula, deve-se pensar na disponibilidade de tempo e recursos, no conhecimento prévio que os alunos já possuem sobre o conteúdo a ser explorado e que são os discentes (idade, nível cognoscitivo), para então pensar sobre o encaminhamento e a avaliação.

O Planejar é uma importante ação docente, através dele é realizado o caminho para que o professor alcance o objetivo, de trabalhar com as dificuldades que os alunos apresentam em sua aprendizagem, ficando fácil para professor, que terá no planejamento, um caminho a ser seguido, e o aluno é contemplado diretamente, pois suas dificuldades serão trabalhadas pontualmente, como forma de avançar em sua aprendizagem.

Figura 4 - Gráfico com o resultado da pergunta “Com qual frequência você planeja suas aulas?”



Fonte: elaborado pela autora

Todos nós professores temos que ter presente, ao planejar, a vontade de participar da aula. Para tanto, é fundamental nos permitirmos estar sempre em desafios para melhor propormos desafios, não em termos de competição, mas de construção de uma educação que realmente tenha significado para as crianças e que elas utilizem para melhor entender e interagir na sua realidade, podendo transformá-la quando preciso.

Stefanello (2008, p.61), ao refletir sobre o a ação de planejar, aponta que

o planejamento se define como um instrumento estratégico, uma ferramenta de articulação, sobretudo política, entre a teoria e a prática. Porém, está associado a funções específicas, entre elas, estabelecer diretrizes e procedimentos do trabalho docente; explicitar o viés filosófico, político e pedagógico que fundamenta as

atividades da escola; prever objetivos, conteúdos, e métodos pautados na realidade sociocultural dos alunos e atualizar o conteúdo diante dos avanços científicos e das novas experiências do cotidiano.

Dada a importância de planejar, é imprescindível que o professor, nas rotas definidas, dê sentido ao seu ensino para as crianças. O sentido do que se aprende e do que se ensina é relevante, pois faz com que reconheçamos algo que para nós já era conhecido, e com isso ressignificamos o que já tinha significado, criando o nosso lugar, dando sentido a frase de Peter Handke (1978, p. 46) quando diz que: *“Só há lugar para quem traz o lugar consigo”*.

A cada dia vou então, tendo a oportunidade de criar meu lugar, e com isso buscar novas oportunidades, assim como proporcionar também novas possibilidades aos alunos. Quando o professor planeja, cria o seu lugar, leva consigo o que acredita, a sua essência, sua identidade.

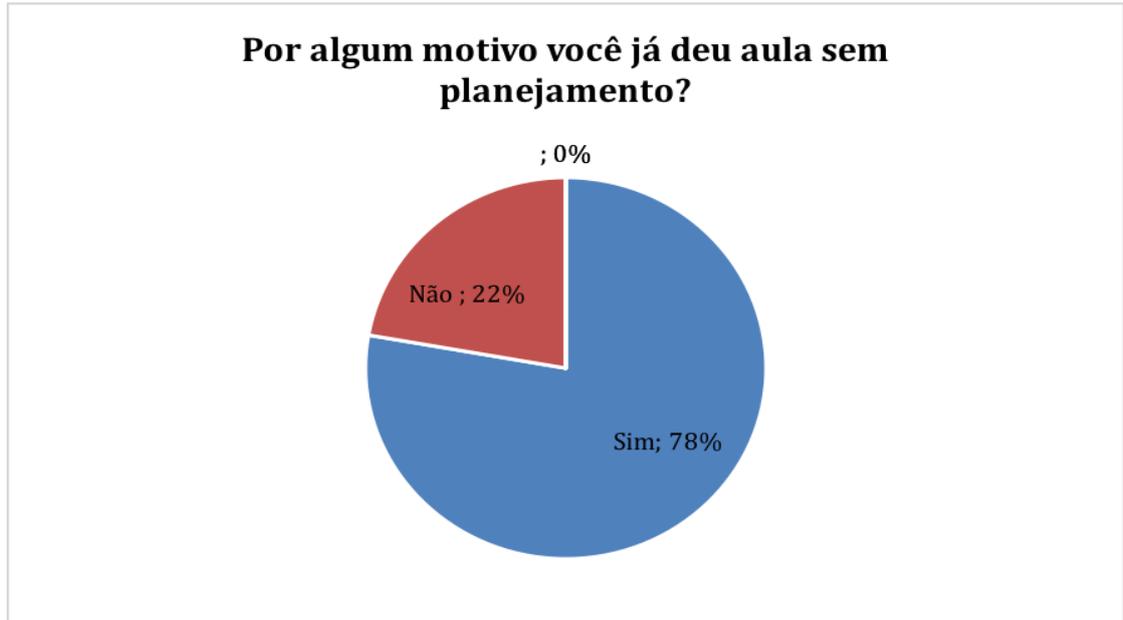
O questionamento sobre dar aula sem planejamento, foi feito com o intuito de saber, se alguma professora da EMEF Bento Gonçalves tinha se aventurado a dar aula, sem ter um planejamento prévio. Pelas respostas, 78% das professoras já enfrentou uma sala de aula sem ter nenhum planejamento (Figura 5). Os motivos foram muitos, esqueceram seu diário de bordo, perderam a chave do armário, ou simplesmente mudaram os planos e esqueceram de direcionar ao planejamento.

Scandelai (2010, p. 64) discorre sobre a importância de termos o planejamento.

Com o planejamento em mãos, o andamento da aula se torna mais fácil, e nós, como professores, nos sentimos mais seguros, uma vez que as ações são previstas com detalhamento dos passos, recursos e atividades. O planejamento é uma ferramenta auxiliar fundamental para o professor, na medida em que é com ele que se dá o bom andamento da aula.

Frente a isso, percebemos, o quanto é importante termos um planejamento bem presente, pois ele nos dará um caminho que traçamos de forma a atingir nossos objetivos.

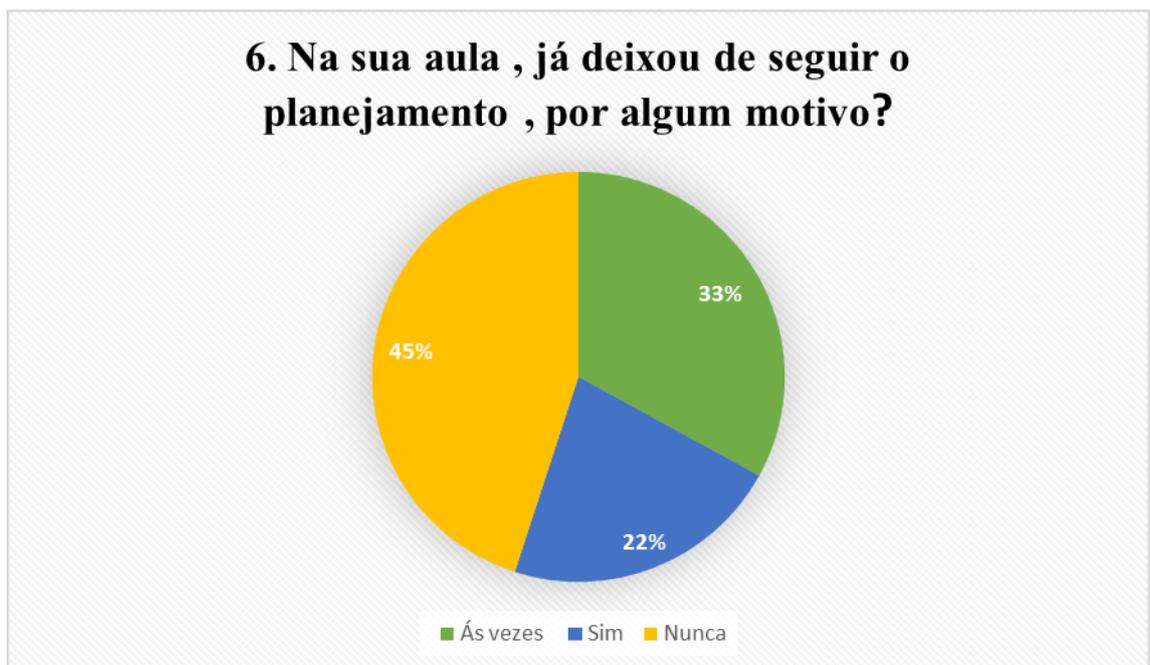
Figura 5 - Gráfico com o resultado da pergunta “Por algum motivo você já deu aula sem planejamento?”



Fonte: elaborado pela autora.

Na questão sobre deixar de seguir um planejamento (Figura 6), minha curiosidade era saber se as professoras da EMEF Bento Gonçalves, em algum momento, deixaram de seguir o seu planejamento por algum motivo aleatório, como por exemplo, um fato que tenha ocorrido, com grande veiculação na mídia, uma pergunta de algum aluno, ou uma observação.

Figura 6 - Gráfico com o resultado da pergunta “Na sua aula, já deixou de seguir o planejamento por algum motivo? ”



Fonte: elaborado pela autora.

Através da tabulação das respostas, 45% das professoras entrevistadas não deixam de seguir o que planejaram sob circunstância alguma.

Scandelai (2010, p. 60), ao tratar desta questão destaca a necessidade de haver uma negociação em sala de aula.

Entendemos que deva ser quase uma negociação no coletivo da aula, porque tanto professores como alunos podem perceber a necessidade de mudança e propor alternativas. Essas mudanças podem ser não só na ordem das ações e no recorte do conteúdo como na abordagem. Podemos dizer que é uma negociação, porque muitas vezes as mudanças podem envolver o tempo, os instrumentos de avaliação, o espaço e a sequência de outras unidades previstas no plano do ano.

Desta forma, um assunto ou fato que tenha ocorrido em escala micro ou macro já é suficiente para modificar o planejamento. Sobre isso, lembrei-me de um fato que aconteceu comigo, enquanto estagiária do magistério na quarta série. Planejei a semana toda no sábado, estava tranquila, para o início da semana, com todo o planejamento pronto. O que ocorreu, é que ninguém imaginava, o que iria acontecer no domingo, que Ayrton Senna fosse sofrer aquele terrível acidente que lhe tirou a vida. Pois bem, a partir disso, mudei toda as aulas programadas para aquela semana, tamanha foi a mobilização mundial frente a esse fato. Os alunos só queriam falar sobre isso, saber mais coisas, e tive que saber trabalhar com isso, assim, marcou a minha trajetória como professora.

Vivemos em mundo globalizado, e a todo momento, podemos ser interpelados pelos acontecimentos do cotidiano. Scandelai, (2010, p. 62), contribui sobre isso nos trazendo que *“uma aula de construção é instigadora, porque desafia o aluno a entender interpretar fatos, problemas, soluções propostas para que ele utilize a sua forma de pensar e diga o que tem a dizer, o que não está escrito, mas ele irá construir em sua mente”*. Repensar e modificar o planejamento, não é um improviso ou é para ganhar tempo, é uma mudança de rota, que se fez necessária, proporcionando um ambiente de grande interação para a construção de novos conhecimentos.

Na figura 7, visualizamos os principais motivos, dentre os quais, as professoras entrevistadas, que fazem parte do corpo docente da escola, não seguiram seu planejamento. Conteúdo fora da realidade do aluno (56%) aparece com maior frequência, seguindo da mídia (11%), de solicitação do aluno (11%) e de falta de interesse do aluno (22%). Dentre todos os motivos, três nos chamam a atenção por serem respostas vinculadas diretamente aos alunos em relação ao planejamento da professora.

O motivo que mais apareceu foi a professor ter escolhido um conteúdo fora da realidade do aluno, o que acontece com mais frequência do que imaginamos.

Figura 7 - Gráfico com o resultado da pergunta “O motivo que fez você não seguir o planejamento foi...”



Fonte: elaborado pela autora.

Costella contribui (2015, p.180) “o professor precisa construir junto a seus alunos os conceitos, entendendo quais conteúdos se adequam ao aluno, ao contexto e aos objetivos propostos”. O conteúdo em si, não tem significado algum, senão vier imbuído de um desejo de realmente, efetivar uma aprendizagem que expresse o verdadeiro sentido de aprender para a vida. Nesse caso, o conteúdo, é usado como um mero pano de fundo, o que fica mesmo, é o

encontro da bagagem do aluno, com a do professor, acredito que nesse momento, se efetive o verdadeiro, significado da aprendizagem.

Outro motivo que apareceu foi a influência da mídia, diretamente na sala de aula. Sobre esse assunto, Stefanello (2008, p. 116) contribui dizendo que “a mídia exerce forte influência sobre a sociedade a ponto de ser responsável, em grande parte, pela identidade dos nossos alunos”. Por conta disso, faz-se necessário um olhar atento no sentido de problematizar o que está sendo discutido.

Stefanello, (2008, p.116), continua

é importante salientar que as pessoas, em geral, consideram essa geração como a “geração da imagem”, e o mundo das imagens é um mundo sedutor. Não há, portanto, como negar seu uso, seja através da televisão, do computador ou das artes no processo de ensino-aprendizagem. O que não podemos é deixar que nossos alunos tenham uma postura passiva e simplesmente absorvam tudo da forma como vêem. Nesse caso, o papel do professor é levar o aluno a desenvolver um senso crítico diante das informações que recebe.

Dessa forma, cabe ao professor, orientar aos alunos, como utilizar as tantas informações encontradas, conectando-as as aulas, fazendo com que os alunos realmente pesquisem, leiam e analisem, as informações encontradas.

Pontuschka, Paganelli e Cacete, (2009, p.262), dialogam sobre o importante papel do professor com a mídia em sala de aula: “ *o professor tem um papel importante nesse processo, como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o pensar sobre e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significados às informações*”.

Os dois próximos motivos relacionam-se aos alunos, tanto a falta de interesse, como a mudança a pedido. Na primeira, fica claro que o que o professor não está atingindo o aluno da forma como imaginava, talvez porque o tema escolhido não faça sentido para ele ou não o motive. Sobre o que seleciona para ensinar, Xavier, (2004, p. 19) aponta que “*os conteúdos escolares precisam ser vistos como instrumentos para compreensão e paulatina intervenção nos problemas humanos nas áreas da saúde, alimentação, habitação, transporte, trabalho, cultura e lazer*”.

Na segunda situação, entendo que quando o aluno tem a iniciativa de solicitar a mudança do foco da aprendizagem é porque se sente à vontade para fazê-lo, sabendo que não será criticado ou punido por isso. Nos dias de hoje, ainda percebemos professores que enxergam nessa postura uma “afrenta”.

Com relação à linha teórica ¹seguida pelas professoras, percebe-se que as docentes da EMEF Bento Gonçalves mesclam teorias suas aulas, resultando em aulas mais flexíveis e amplas, com alcance maior de resultados positivos na aprendizagem (Figura 8).

Quando me refiro a mesclar linhas teóricas, quero dizer que os docentes buscam nas linhas teóricas (inspiradas nos ensinamentos de Freire, Piaget), formas de alcançar resultados com os desafios que estão postos.

Sobre a importância de uma boa prática, e como ela se constitui, Vasconcellos (2005, p. 14) afirma que *“o professor deve propor uma nova construção de metodologia na sala (inovador), e, para assim proceder, deve necessariamente basear-se em um bom referencial teórico (conhecimento), pois esse será o elemento norteador de suas práxis”*. Dessa maneira, o professor tem no referencial teórico escolhido a base do seu trabalho. Podemos dizer que sua essência enquanto professor fica evidente a partir do referencial teórico.

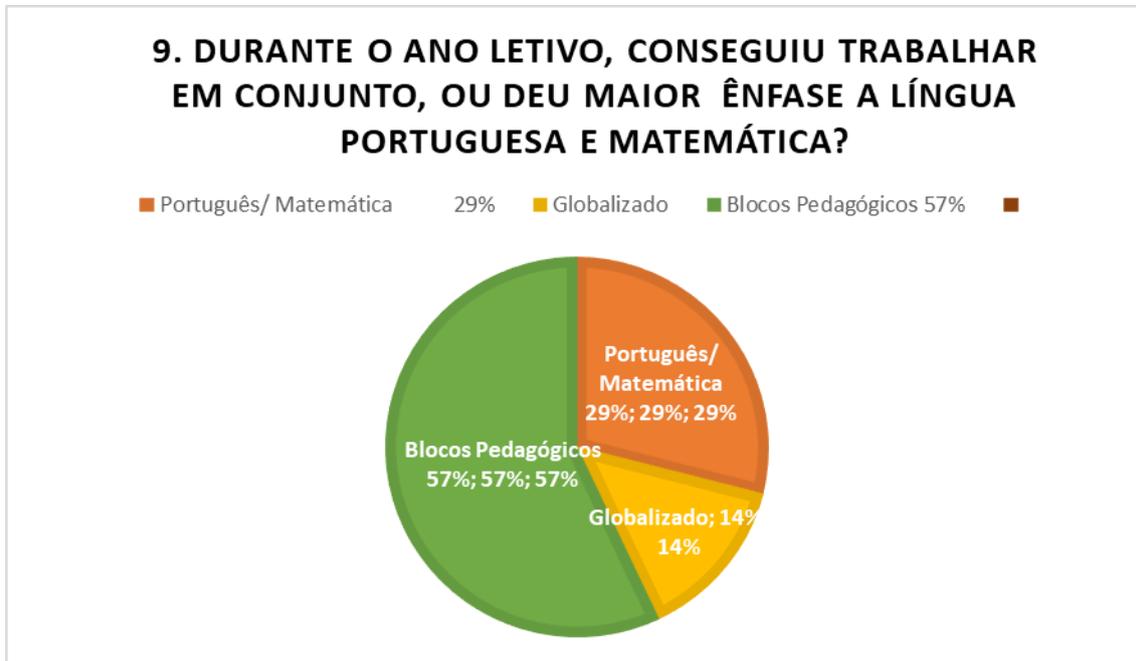
Figura 8 - Gráfico com o resultado da pergunta “Em sua ação pedagógica, você segue uma linha teórica?”



Fonte: elaborado pela autora.

A questão seguinte sobre a ênfase dada à Língua Portuguesa e à Matemática ocorreu, porque foi observado que as professoras dos Anos Iniciais, enfatizam mais o ensino destas matérias, deixando as outras disciplinas, para “se der tempo” (Figura 9). Durante as reuniões pedagógicas, fica perceptível que o maior destaque é para o Bloco Pedagógico.

Figura 9 - Gráfico com o resultado da pergunta: “Durante o ano letivo, conseguiu trabalhar em conjunto, ou deu maior ênfase à língua Portuguesa e à Matemática? ”



Fonte: elaborado pela autora.

Os Blocos Pedagógicos compõem o ciclo da alfabetização, que compreende o primeiro ao terceiro ano da Educação Básica. Nesse período não há retenção nos dois primeiros anos, ficando para o terceiro ano, o momento de avaliar o progresso do aluno, podendo acontecer, então, a possibilidade de retenção. Nesses três anos, deve acontecer a alfabetização, que compreende a leitura, escrita, com ênfase na Língua Portuguesa e na Matemática.

Saliento que existe uma forte pressão para melhorar os resultados, uma vez que há altos índices de reprovação no terceiro ano. Na rede municipal de São Leopoldo, desde que foram implementados os Blocos Pedagógicos, a retenção dos alunos só acontece no terceiro ano, o que leva a índices altíssimos de reprovação. Para evitar isso, começaram a ser feitas ações para melhorar os resultados de aprovação no terceiro ano, gerando um desconforto entre os professores, de tal forma, que o terceiro ano, sempre fica como a última turma a ser escolhida pelos professores nas escolas municipais. Os índices do IDEB também são apresentados de forma a impor uma necessidade de mudança no número de reprovações, especialmente quando são apresentados de forma isolada e descontextualizada.

Guerrero (2012, p. 25), sobre o processo de alfabetização, destaca que

(...) não se alfabetiza somente em Português ou Matemática; a alfabetização é um processo que ocorre também nas outras disciplinas escolares: em Geografia, Ciências, História e Arte, entre outras, pois cada uma dessas disciplinas apresenta um conjunto de linguagens (códigos, procedimentos e conceitos) próprios. Isso permite ao aluno realizar uma leitura do mundo com base em um conjunto de conhecimentos socialmente construídos.

Dessa forma, é importante enxergarmos que todo conhecimento é válido para a aprendizagem, e que nenhum tem valor superior ao outro.

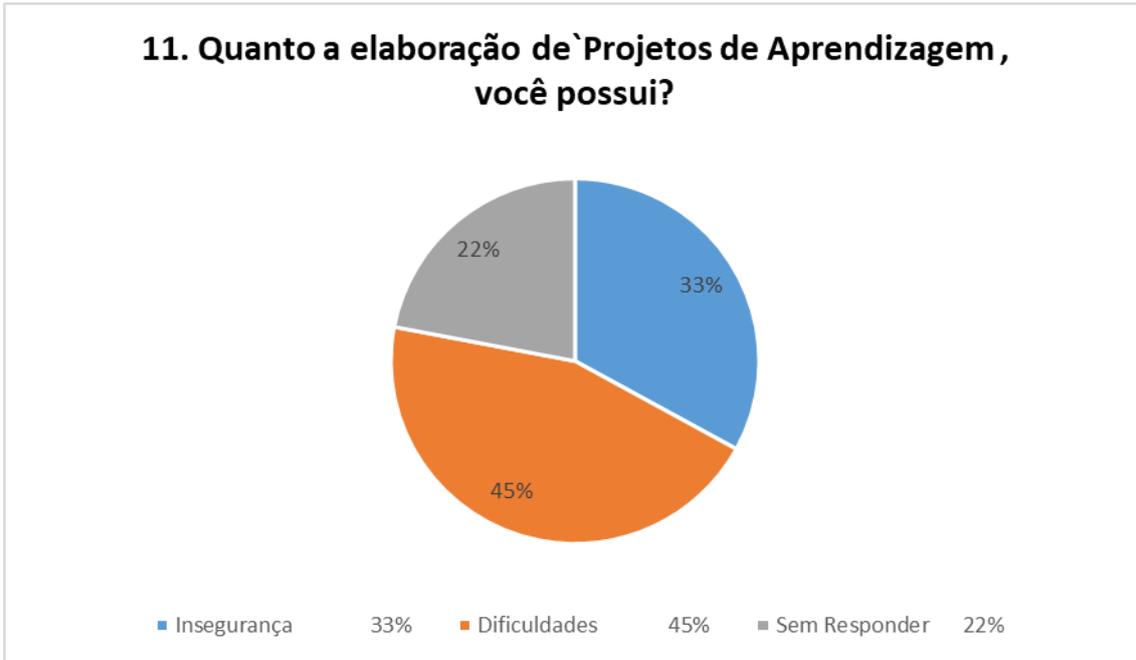
Quando é questionado sobre os projetos de aprendizagens, fica perceptível que a maior parte das professoras da Escola Bento Gonçalves, (56%) não desenvolve projetos de aprendizagens em suas aulas (Figura 10). Isso me permite inferir que as professoras nem sempre selecionam o que será trabalhado, levando em consideração as curiosidades dos alunos e nem o que vivenciam cotidianamente. Sendo assim, podemos perceber mais diretamente, a dificuldade que é para as professoras trabalharem por projetos de aprendizagem e dentre as principais dificuldades está a falta de formação para essa prática, o que aparece claramente na Figura 11.

Figura 10 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você trabalha com projetos de Aprendizagem?”



Fonte: elaborada pela autora

Figura 11 - Gráfico com o resultado da pergunta “Quanto à elaboração de projetos de Aprendizagem, você possui...”



Fonte: elaborado pela autora.

Quando escolhi essa pergunta, queria saber se há preocupação do docente em considerar as curiosidades dos estudantes, através da prática da pesquisa, quando planeja sua aula.

Sobre a importância dos projetos de aprendizagem, Rossato e Suertegaray reiteram

O trabalho através de projetos de aprendizagens tem como ponto de partida as curiosidades individuais, parte, portanto do interesse pessoal de cada criança. Este desejo de descobertas pode ser sobre as mais diversas temáticas, entretanto de alguma forma estão inseridas no seu cotidiano, nas suas vivências. Isto se revela, na maior parte das vezes, como um importante motivador de aprendizagem, pois interessado, em desvendar seu objeto de pesquisa, o aluno dedica-se ao trabalho de forma mais persistente, aceita os desafios propostos e sente-se valorizado enquanto autor de trabalho. (ROSSATO; SUERTEGARAY, 2014, p. 73).

Produzir a dúvida também é uma forma de produzir a aprendizagem, sobre isso, Castrogiovanni (2009, p. 141), nos diz:

é importante instituir a dúvida como princípio pedagógico, isto é, ao trabalharmos com os conteúdos não precisamos sempre construir verdades ou colecionar fatos. Podemos, com a atitude constante de provocar dúvidas e desequilíbrios, fazer com que o aluno elabore sempre novas hipóteses e faça suas relações.

Despertar a curiosidade e provocar dúvidas para depois consolidar a aprendizagem com segurança e participação protagonista do nosso aluno, são pontos importantes para o processo de ensino aprendizagem.

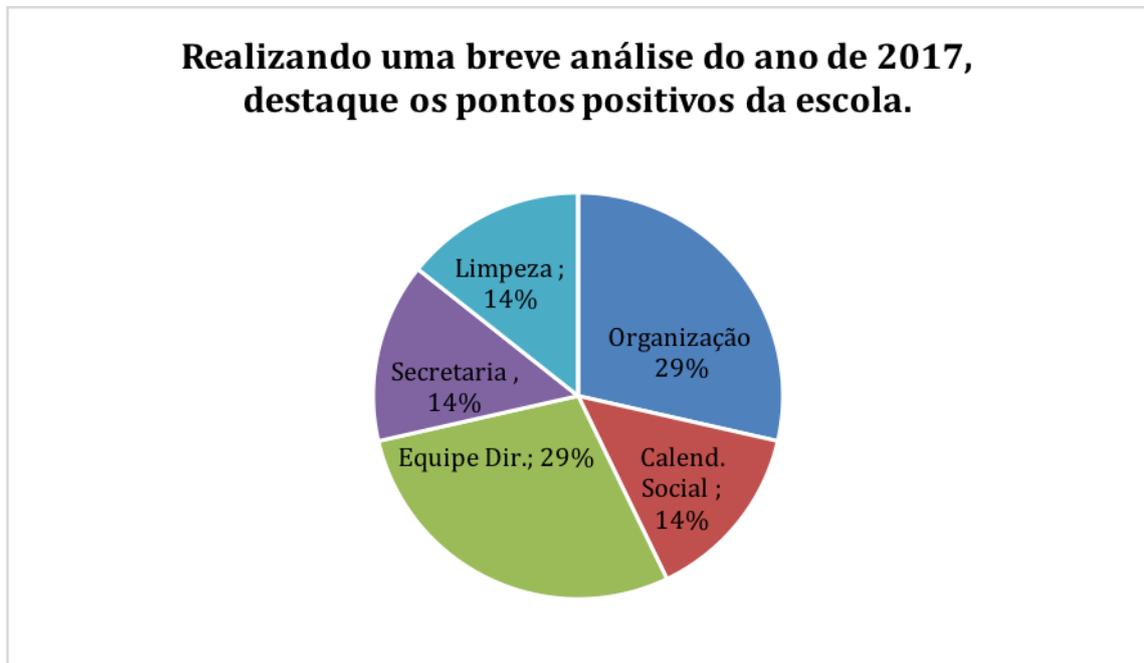
Alunos e professores formam uma relação de troca de saberes, e a aprendizagem se dá em conjunto. O conteúdo, não é mais somente uma lista a ser vencida, o saber é construído a muitas mãos e com significado de ensino para a vida. O aluno é desafiado a todo o momento, a questionar e a refletir, a se inquietar, e a buscar soluções, utilizando para isso o seu cotidiano escolar.

Os passos dados em direção à inovação no processo educacional, entendida por mim como a busca por formas diferentes de ensinar, provocando movimentos que possuem um grande significado na vida coletiva e no processo de ensino aprendizagem, é essencial para ampliar as possibilidades e oportunidades dos estudantes no futuro.

O grupo de professoras ainda elencou aspectos positivos e negativos no ano de 2017 (Figura 12). Dentre os aspectos positivos destacados tem-se a organização, o calendário social, a parceria da equipe diretiva, a secretaria (atendimento), a alimentação escolar (equipe), a limpeza (equipe), a portaria (funcionária).

Os aspectos negativos destacados foram a indisciplina de alunos, a falta da presença dos pais, a falta de socialização entre professores e entre professores e funcionários (Figura 13).

Figura 12 - Gráfico com o resultado da pergunta “Realizando uma breve análise do ano de 2017, destaque os pontos positivos da escola”



Fonte: elaborado pela autora

Figura 13 - Gráfico com o resultado da pergunta “Realizando uma breve análise do ano de 2017, destaque os pontos negativos da escola”



Fonte: elaborado pela autora

Frente a isso tudo, acredito que será importante esta oportunidade para o grupo de professoras experimentar e pensar a nova proposta pedagógica do 5º ano como possibilidade de suscitar novas ideias e gerar inspirações. Segundo Castrogiovanni,

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. (CASTROGIOVANNI, 2009, p. 13).

Quando me refiro à aulas mal planejadas, considero aquelas que o professor faz, sem conhecer as vivências dos seus alunos e sem levar em consideração o que seu aluno já é capaz de perceber e contribuir. Quanto a essas aulas, minha vivência de educadora e diretora de escola aponta que se tornam desestimulante pois não dão sentido à aprendizagem.

Nós professores somos o elo entre o conhecimento e o aluno, e, para que nosso aluno progrida cada vez mais, temos que conquistar mais espaço, inovando e criando possibilidades.

Costella (2015, p. 32) também contribui com esse debate quando afirma que *“trabalhar conteúdos de forma compartimentada sem relação com leituras próximas é ensinar no vazio. Quando o vazio é maior que o significado, pouco fica do aprendizado”* ou ainda quando diz que

Somos instrutores em geografia quando direcionamos nosso foco para o produto, que representa o conteúdo e deixamos de olhar para o aluno, esquecendo num primeiro momento esse aluno apenas veicula esse conteúdo. Essa postura nos leva a apostar no conteúdo que vencemos relegando a um segundo plano o que é essencial, ou seja, o conteúdo vencido pelo aluno. (COSTELLA, 2015, p. 36).

Por isso, é importante pesquisar nossas práticas para (re) planejar nossas aulas. Nesse sentido, Rossato e Suertegaray (2014, p. 61) apontam que

(...) a pesquisa ganha um papel de destaque no processo educativo, em particular no repensar das práticas pedagógicas. Todo o conhecer é um processo de investigação e descoberta individual, porém sempre em relação ao outro. Parece ser impossível sermos professores sem sermos pesquisadores.

Esse levantamento, de modo geral, nos mostra que as professoras dos Anos Iniciais da EMEF Bento Gonçalves ainda que planejem suas aulas, já modificaram o planejamento, pois o que pensaram estava fora da realidade dos alunos. As professoras são levadas muitas vezes pelo próprio sistema educacional a priorizar algumas disciplinas em detrimento de outras, como é o caso de Português e Matemática, que desde a implantação do PNAIC, vêm sendo considerados prioritários perante as outras disciplinas. Frente a isso, entendo ser fundamental a apresentação desta proposta de ação pedagógica para reflexão junto ao corpo docente sobre as novas possibilidades de trabalho docente.

4.3. COMO OS ALUNOS DO 5º ANO VÊEM O ENSINO DE GEOGRAFIA

Para conhecer como os alunos do quinto ano (5º ano) veem a Geografia, apliquei um questionário e, a partir das respostas, farei uma breve análise, para então definirmos, como será desenvolvida a proposta pedagógica a ser aplicada.

Percebemos através destes resultados, que os alunos do 5º ano da EMEF Bento Gonçalves não reconhecem a Geografia como uma área do conhecimento que tenha significado e também não sabem o motivo pelo qual aprendem Geografia (Figuras 14 a 18).

Em relação a pergunta que demanda a associação de alguma palavra à Geografia, em 20 alunos, 25% dos alunos não conseguiram pensar em uma palavra que tivesse para eles uma relação com Geografia (Figura 14). Além dessa resposta, ainda surgiram como respostas a associação da disciplina com estudar mapas (10 alunos) rosa dos ventos (2 alunos) e Mundo (3 alunos). Como demonstra o gráfico abaixo:

Figura 14 - Gráfico com o resultado da pergunta “Quando você escuta Geografia, o que vem no pensamento?”



Fica perceptível que a maioria relaciona a Geografia ao estudo de mapas somente, não importando a mensagem que esse mapa traz, sua codificação, sua legenda. Percebem na cartografia, o mundo geográfico, como se todo ensino estivesse somente ali contemplado nas coordenadas geográficas, ou ainda através da rosa dos ventos, decorados nas posições da sala de aula. Poderia dizer ainda, que os 3 alunos que relacionaram Geografia a palavra Mundo,

conseguem estabelecer relações com o ensino de Geografia, conseguindo, talvez, estabelecer relações, como por exemplo, com o globo terrestre.

É possível, então, perceber que a representação da Geografia está ligada a uma visão estereotipada e, portanto, limitada que a reduz os mapas, mundo, e rosa dos ventos. Fica evidente o pouco trabalho com os conceitos ou conhecimentos da área.

Quanto a gostar ou não de Geografia, somente 4 alunos disseram gostar de Geografia, 6 gostam um pouco e 10 alunos responderam que não gostam (Figura15). Na verdade, só gostamos, do que conhecemos, então, se a maioria dos alunos não conseguem estabelecer uma palavra para associar à Geografia, é fato que não a conhecem.

Figura 15 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você gosta de Geografia?”



Fonte: elaborado pela autora.

Costella (2015, p.35), de forma esclarecedora nos diz que

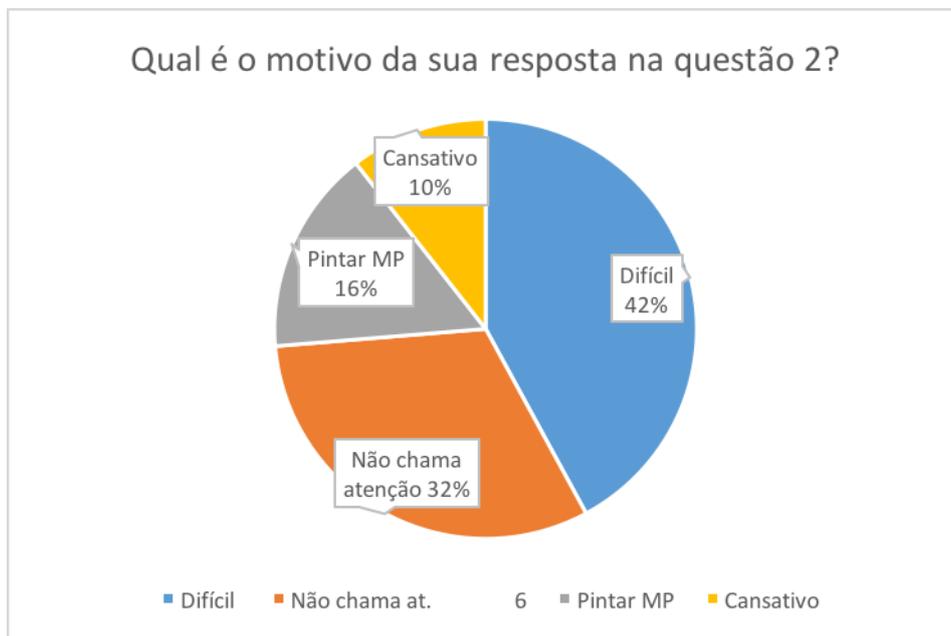
o professor, ao instigar seu aluno a aprender geografia, o está impelindo a agir, e para que ele aja sobre o conteúdo, desenvolvendo autonomia de pensamento e capacidade de reflexão, é necessário o desenvolvimento de competências. O conteúdo serve de referência para tal desenvolvimento, mas não representa o fim em si, ou o produto da aprendizagem. O produto da aprendizagem é o aluno e suas ações reflexivas.

Prosseguindo, Cavalcanti (2011, p.24) diz sobre a importância do ensino de geografia: “ a finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de os ajudar a formar raciocínios e concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço”.

Quando levamos essa oportunidade ao aluno, levamos também a possibilidade de ele se encantar com a Geografia, e perceber que este campo do conhecimento vai além do mapa, e da rosa dos ventos, pois lhe é dada a possibilidade de ter o mundo mais próximo de si e de poder usufruir de conhecimentos que farão toda a diferença no cotidiano e na transformação desse.

Prosseguindo, na questão “Qual o motivo da sua resposta na questão dois? ” Foram elencados os principais motivos apontados na turma do 5º ano para gostar ou não do ensino de Geografia (Figura 16). Em torno de oito alunos, classificaram o ensino de difícil entendimento.

Figura 16 - Gráfico com o resultado da pergunta “Qual é o motivo da sua resposta na questão 2?”



Fonte: elaborado pela autora.

Se o aluno dos Anos Iniciais já tem construída a ideia de que Geografia é difícil, fica evidente que, quando avançar nas etapas escolares, essa dificuldade, só tende a aumentar, porque foi instituído assim. Aos professores fica a tarefa, de desmitificar essa dificuldade, mostrando os vários caminhos que podemos aprender. Nesta questão ainda as respostas não me chamam a atenção (6 alunos) e cansativo (2). Respostas como essas, nos remetem às

discussões anteriores que indicam um trabalho em sala de aula descolado da realidade dos alunos e ainda muito vinculado àquela Geografia compartimentada e descritiva.

Outras duas respostas que surgiram, agora relacionadas ao gostar da Geografia, foram pintar mapas (3) e aprender sobre o lugar que estamos (2). Dentre 20 alunos, na faixa etária dos 10/11 anos, somente 2 alunos, gostam do ensino de Geografia pela possibilidade de aprender sobre o lugar que estamos e 3 alunos gostam de Geografia devido a pinturas de mapas.

Cavalcanti, (2011, p. 63), contribui quando diz que *“Estas respostas reforçam a imagem construída anteriormente sobre Geografia, uma vez que parece estar subentendida a ideia de que Geografia serve para conhecer lugares, (cidades, regiões, estados, países, mundo) e um dos recursos para isso é o mapa”*. Geografia não é somente para isso, e nem tão pouco para somente pintar mapas, Geografia, nos dará condições de constituir nossa identidade, a partir do lugar que estamos, nos reconhecendo parte do mundo que nos cerca.

Dando sequência, as questões seguintes você já pensou que pode melhorar seu viver, com a Geografia? ” E se pudesse participar de uma atividade que pudesse ver a Geografia, de outra maneira, você gostaria? ” Percebemos que a grande maioria dos alunos não associa os conhecimentos geográficos ao cotidiano ou os relaciona a formas de pensar e mudar a realidade (Figura 17). Por outro lado, desejam enxergar e vivenciar a disciplina de maneira diferente (Figura 18).

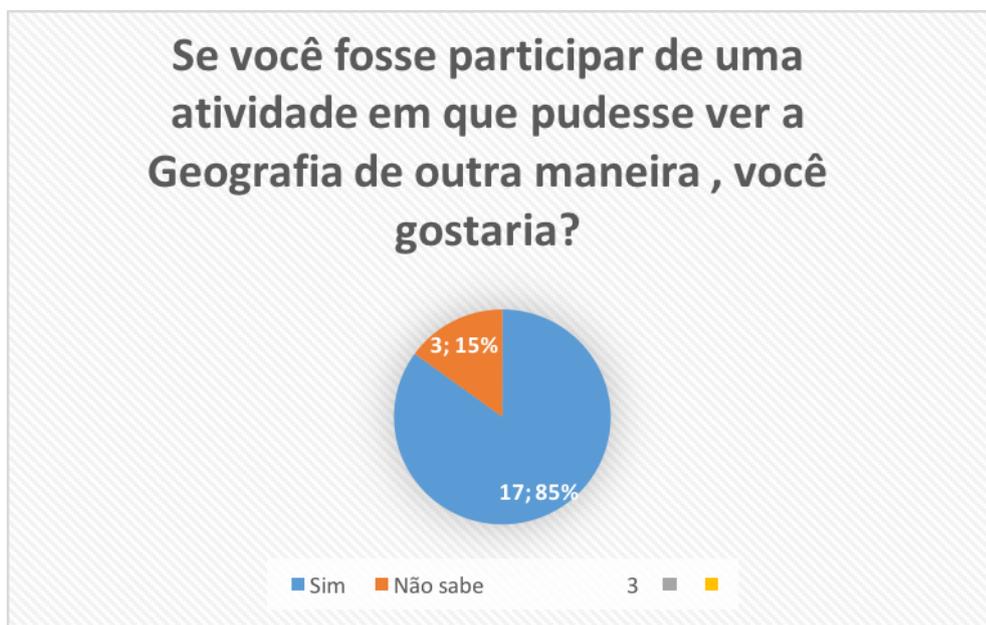
Figura 17 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você já pensou, que a Geografia pode ser útil no seu dia a dia?”



Fonte: elaborado pela autora.

Vimos por essa resposta, que os alunos do 5º ano, não reconhecem a Geografia, como uma ciência que pode estar contribuindo no dia a dia de cada um. Isso leva a reflexão de que infelizmente os alunos, ao não trabalharem conceitos e conteúdos geográficos, não compreendem como esses conhecimentos contribuem para uma reflexão sobre o mundo.

Figura 18 - Gráfico com o resultado da pergunta “Se você fosse participar de uma atividade em que pudesse ver a Geografia de outra maneira, você gostaria?”



Fonte: elaborado pela autora.

Enquanto professora da escola e mestranda da UFRGS, acredito que através da aplicação da proposta pedagógica, estaremos iniciando um trabalho com inspirações para um novo olhar geográfico na EMEF Bento Gonçalves. É importante ressaltar que nesse novo olhar não estará somente a geografia, mas sim, um novo fazer pedagógico, visando toda produção de conhecimento. Então, frente a isso tudo, começaremos um novo tempo pedagógico na EMEF Bento Gonçalves, um tempo de experimentar, inovar, e criar possibilidades de aprendizagens.

Stefanello (2008, p. 66) diz que

o professor deve provocar situações sobre as quais o aluno pense e reflita, bem como se interesse por elas; dispor de objetos, elementos novos e situações; oferecer subsídios para a elaboração de respostas; interagir com o aluno acompanhando e (re) alimentando o processo de construção com contradições. É importante retirar do conteúdo situações-problemas que originaram o conceito: Quais os problemas que

estavam colocados? Quais as perguntas que estão por detrás dos conteúdos? Esses questionamentos possibilitam, de forma efetiva, o desencadeamento da construção do conhecimento.

Dessa forma, faz-se necessário haver mudanças na formação de professores, entre elas, uma união mais real entre a prática e a teoria no ensino acadêmico ou profissionalizante. Fica nítido também o quanto é somatório ao professor inovar em sua prática pedagógica constantemente, buscando com isso, formas que melhor se adequem aos alunos dos Anos Iniciais.

Nesse sentido, temos nas diferentes linguagens, a exemplo da literatura, um caminho para construir junto com os alunos o conhecimento geográfico de forma mais lúdica.

Quando juntamos teoria e prática, diferentes formas de ensinar são apontadas para vencermos os desafios da aprendizagem, que são muitos, cada vez menos cognitivos e, mais sociais, a exemplo de questões como, fome, desestruturação da família, abusos sexuais, negligência da família, frio, moradias sem condições, maus tratos, violência doméstica, entre outros.

Todos esses aspectos devem ser levados em consideração quando pensamos nas dificuldades em aprender. O professor é peça chave desse processo e, como tal, deve estar atento. Quando o professor acolhe, fica bem mais fácil para o aluno transpor esses obstáculos, e cicatrizar as feridas. Estou aqui, remetendo-me a crianças de quatro anos a onze anos, que enfrentam problemas muito graves que veem na escola o caminho do acolhimento e no professor o elo para abordar suas dificuldades cognitivas e sociais.

Desta forma, fica perceptível que a função do professor na escola envolve muitas questões e ações, desde as mais simples até as mais complexas, não necessariamente nessa ordem, e que o professor terá que lidar com situações que irão além do seu planejamento, além do pedagógico. O ser professor na contemporaneidade é ser ouvinte, participativo, reflexivo e humano.

4.4. A PROPOSTA PEDAGÓGICA: O LUGAR E A IDENTIDADE

A partir da entrevista com as professoras dos Anos Iniciais e com os alunos do 5º ano, construí uma proposta pedagógica voltada para a reflexão acerca do conhecimento que nos cerca na EMEF Bento Gonçalves.

Nesse momento, encontro em Callai, (2005, p. 231), um reforço ao meu pensamento quando ela diz que

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo.

Sendo assim, buscaremos uma educação social capaz de contribuir na produção de uma sociedade, mais justa, mais humana e mais acolhedora, que reconheça no outro, e em si, valores e sentimentos assim como, possibilidades de interagir, para tornar o mundo mais acolhedor e menos excludente. Os alunos poderão mostrar ao mundo as diversas leituras dos cotidianos que o cercam, muitas vezes com vontade de modificar a realidade, como forma de pegar um fôlego para driblar os desafios que já entre os 10 a 12 anos encontram. O desafio entre tantos, está o de acordar todos os dias, querendo buscar uma vida mais feliz, colorida, e acolhedora, onde elas possam desfrutar de uma infância responsável, com uma vida sadia e com qualidade.

Castrogiovanni (2009, p.84), contribui quando diz

Estudar e compreender o lugar, em geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas. Muitas vezes as explicações podem estar fora, sendo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para se compreender o que acontece em cada lugar.

Durante esse tempo, mais dedicado aos estudos, inspirada, até arrisquei, escrever algumas frases, dentre elas, uma que se encaixa bem nesse momento, que estou da pesquisa: o espaço geográfico acolhe a todos nós, mas, é o lugar que nos define.

Através desta proposta, pretendo fazer um resgate da autoestima dos alunos, trabalhando sua identidade a partir do lugar onde vivem. Nesse momento, Castrogiovanni (2009, p. 107), nos diz que “cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade”.

E quando consigo estabelecer que é o lugar que me define, poderia afirmar também que esse mesmo lugar dá nuances importantes na formação da identidade de cada pessoa. Com a formação da identidade, vem a constituição da cidadania e a consciência do que é ser cidadão.

A proposta pedagógica foi apresentada por etapas, as quais discuti e fundamentei através de autores que sustentam essa pesquisa.

Para dar início ao trabalho, numa primeira etapa, acredito ser importante descobrir como os alunos se percebem, como constroem a sua autoimagem a partir do lugar onde vivem. Resgato, então, o que traz Castrogiovanni, (2009, p. 119) quando diz

Cada lugar tem uma força, tem uma energia, que lhe é própria e que decorre do que ali acontece. Esta não vem de fora, nem é dada pela natureza. É resultado de uma construção social, na vivência diária dos homens que habitam no lugar, do grau de consciência das pessoas como sujeitos de um mundo em que vivem, e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida.

Solicitarei que os estudantes façam um desenho (ou texto) de cada um (de si, como se veem), como um autorretrato. Neste desenho, poderão inserir palavras ou elementos que remetam a gostos pessoais, por exemplo. Num segundo momento, solicitarei que desenhem em detalhes o lugar onde vivem, destacando o que gostam e o que não gostam do seu lugar. Aqui também é possível trazer um lugar que adoram na comunidade e um lugar que gostariam de mudar.

Na segunda etapa, a partir das produções anteriores, farei uma conversa individual e coletiva, identificando quais aspectos/elementos aparecerão a respeito da identidade individual destes estudantes e do coletivo, especialmente em relação ao lugar Morro do Paula. Nestas conversas aparecerá o que cada um pensa de si, como se vê e também o que pensam do seu lugar.

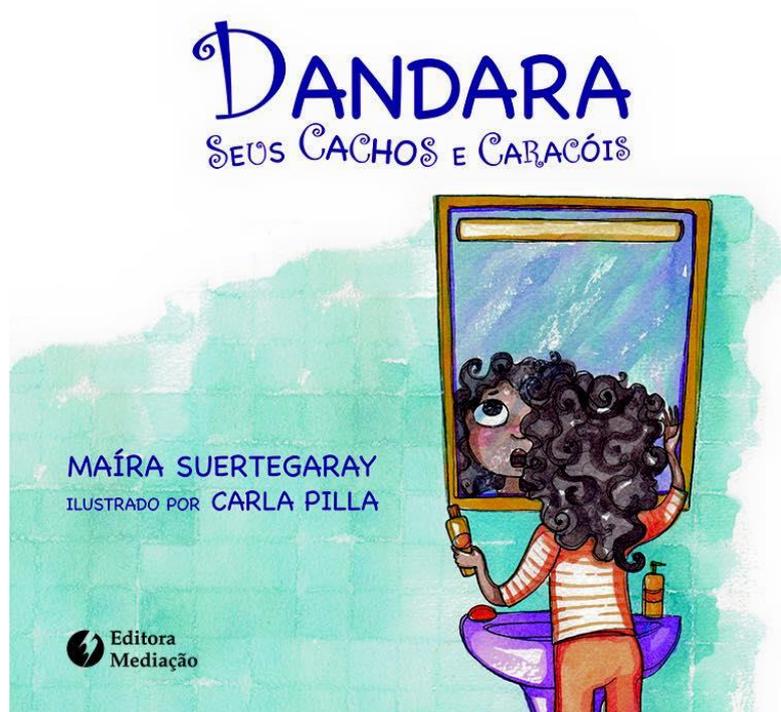
Aqui, acho relevante trazer uma contribuição de Castrogiovanni (2009, p. 120) que aponta

A identidade entre as pessoas de um lugar é inequívoca. Talvez seja exatamente por aí que resida a possibilidade de superar a homogeneização imposta pela globalização. A nossa diferença como cidadãos de um determinado lugar é que nos leva a construção da identidade do lugar, embora esta identidade não seja do lugar

em si, mas das pessoas que vivem ali e que produzem um espaço com características próprias, com suas marcas e diferenciações internas.

A terceira etapa inicia com a leitura do livro *Dandara, seus cachos e caracóis*, de autoria de Maíra Suertegaray, ilustrações de Carla Pilla e editado pela Mediação (Figura 19).

Figura 19 - Capa do livro *Dandara, seus cachos e caracóis*.



Fonte: Dandara, seus cachos e caracóis, editora Mediação.

A partir da leitura do livro, farei o trabalho de leitura de imagens, de identificação de personagens e do enredo. A partir da leitura, conversarei sobre como a personagem se via no início da história, quais eram as características que Dandara gostaria de mudar. Por que será que ela queria mudar? Explorarei as imagens em que aparece a personagem mergulhada naquele contexto de pessoas de cabelo liso (Figura 20) para, a partir daí discutir sobre os padrões que são impostos socialmente (padrões de beleza, de comportamento – menino e menina, por exemplo, de família etc).

Figura 20 - Dandara inconformada com o seu cabelo.



Fonte: Dandara, seus cachos e caracóis, editora Mediação.

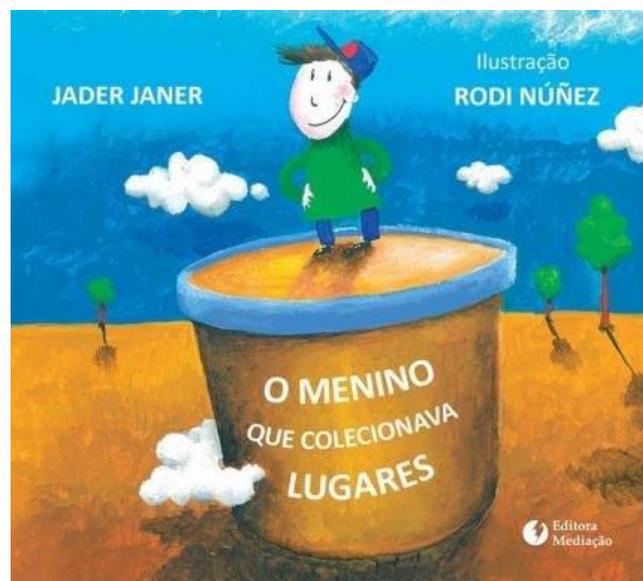
Farei o contraponto desses padrões, mostrando que o real é a diversidade. Neste momento, apresentarei imagens de pessoas diferentes em vários aspectos, pessoas de diferentes lugares do mundo, mas também pessoas diferentes que moram no nosso próprio estado e/ou cidade. Resgatarei aspectos da história que mostra que o que somos na aparência e no jeito de ser e de agir é resultado das histórias de nossos antepassados, das suas trajetórias.

Neste momento, os alunos livremente relatarão sobre sua trajetória, podendo destacar como se sentem a respeito de si, do seu caminho, apontando desejo de mudança em algo (ou não), e a partir disso será montado um texto coletivo da turma, falando sobre cada jeito de ser.

Na quarta etapa, abordarei a história das famílias: quem são, de onde vem, por que foram para essa comunidade. A certidão de nascimento de cada aluno será o ponto de partida. A partir daí, faremos uma pesquisa com imagens das pessoas, dos lugares onde viveram e por onde passaram. O objetivo desta etapa é o conhecimento da sua história pessoal, então neste momento, iniciamos nossa coleção de memórias, de lugares, de lembranças.

Inspirados na leitura do livro “O menino que colecionava lugares” de Jader Janer, ilustrado por Rodi Núñez e editado pela Mediação, confeccionaremos nossa latinha de lembranças (Figura 21). No livro, o menino coleciona lembranças de elementos especiais de lugares por onde passava e guardava-os em uma lata de manteiga, pois se preocupava que poderia esquece-los. No final, percebe que as lembranças ficam guardadas na memória, guardadas dentro da gente, pois lugar é gente e gente é lugar.

Figura 21 - Capa do livro “O menino que colecionava lugares”



Fonte: O menino que colecionava lugares, Editora Mediação.

A partir dessa premissa, os alunos selecionarão objetos, imagens que remetam a lembranças dos seus lugares para compor a sua latinha. Num momento mais a frente, pensando a partir daqueles objetos e memórias, proporei uma atividade integrada com Artes, em que cada aluno retratará sua família/sua história em uma tela de pintura, que posteriormente, fará parte de uma exposição na escola, aberta a toda comunidade escolar.

A etapa seguinte (5ª) tem como objetivo a reflexão sobre o lugar de vivência. Para isso, leremos o livro “Nossa rua tem um problema” de Ricardo Azevedo, editado pela Ática.

A história é estruturada a partir de dois diários: o de Clarabel e o de Zuza e cada um deles começa em uma das capas do livro. As duas crianças apresentam nos seus diários acontecimentos comuns, porém do seu ponto de vista. Os acontecimentos narrados aconteceram na rua em que moram e que, de alguma forma, acabam por transformar os respectivos modos de vida de ambas as personagens, principalmente, o modo que cada um vê o outro. São crianças diferentes, com vivências, memórias diferentes, entretanto, com o passar do tempo, as divergências e o modo de ser dos dois personagens ao invés de distanciá-los os aproxima, visto que no final eles passam a fazer parte da mesma turma de amigos e trocam seus diários. Na história também aparecem os problemas e diferenças comuns da vida contemporânea. Com isso, além de mostrar aspectos sociais e econômicos, trabalha a imagem de crianças inquietas, críticas, participantes e pensantes.

Nesta etapa realizaremos um trabalho de campo pela cidade de São Leopoldo fazendo a construção dos registros em diários individuais com registros escritos, fotografias e desenhos.

Sobre esta prática, Silva *et al.* (2012, p. 73) apontam que

Como uma ação pedagógica intencional e aberta, esse tipo de trabalho expande o olhar das crianças sobre as coisas do mundo e gera novos questionamentos (perguntas que podem originar novas propostas pedagógicas). Esse movimento suscita práticas interdisciplinares que, ao se configurarem, conectam informações, produzem conhecimentos e atribuem novos sentidos ao espaço vivido. Visto como uma ação em rede (porque interliga disciplinas, conhecimentos, temáticas), carrega múltiplas possibilidades e é passível de ser aplicado em diferentes contextos rurais ou urbanos.

O trabalho de campo tem papel importante para que os alunos compreendam a relação do espaço urbano e rural, em especial para as crianças de áreas rurais. Embora seja considerada uma escola rural, a EMEF Bento Gonçalves tem um público urbano o que pode gerar reflexões interessantes.

As crianças das áreas rurais, ainda que estejam inseridas no universo do campo, nem sempre o entendem como parte de uma totalidade maior, representada pela cidade, município, o espaço em geral. Nesse sentido, trazer para sala de aula as discussões em torno do lugar amplia as possibilidades dessa compreensão, porque trabalha com seus cotidianos e vivências, dá sentido aos acontecimentos de seu entorno e permite leituras desse espaço (SILVA *et al.*, 2012, p. 74)

A ideia é também fazer a troca destes diários entre os alunos para que se possa refletir sobre como os alunos veem a cidade, como veem seus habitantes. O que tem de bom neste lugar, assim como as coisas a melhorar.

Castrogiovanni (2009, p. 127) entende que a cidade

(...) como um lugar de concentração, é o espaço, via de regra, onde as relações humanas acontecem de maneira mais acentuada, mais intensa, mais complexa. Pode-se dizer que tudo está mais aproximado. Sendo o resultado do processo de urbanização, a cidade representa antes de mais nada, os laços que ligam as várias pessoas que compartilham um mesmo território para morar, para trabalhar, para satisfazer suas necessidades de sobrevivência.

Distanciando-nos da superfície para ampliar a análise, na sexta etapa, pensaremos o bairro em relação à cidade. Como ele se insere? É muito diferente? Em que se destaca? O que mais gostaram? O que não conheciam? Tem algo igual? Esses questionamentos orientarão uma produção textual de cada aluno, sobre a saída a campo.

E sobre o bairro, Castrogiovanni, (2009, p.129), nos diz que

o bairro, a parte da cidade que não pode ser entendida a não ser no seu interior, é um dos lugares mais próximo do aluno, no qual ele convive com outras pessoas. Este é um espaço que ele pode percorrer por completo e que tem grande significado para sua vida, inclusive do ponto de vista da afetividade.

A partir destas discussões, proporei, então, um desafio para a turma: é possível ver nosso bairro com outros óculos/lentes? Minha intenção aqui é propor o exercício de olhar o bairro de forma diferente, de forma positiva. Sairei com os estudantes pelo entorno da escola e faremos fotografias que valorizem o lugar. Os estudantes, com seus aparelhos celulares, também poderão fazer estas fotos. As fotos serão utilizadas também para a exposição.

Acredito que esse debate que está sendo posto aos alunos, ao grupo de professoras e a escola como um todo, trará um novo olhar para todos que estão inseridos nesse processo. Os alunos experimentarão formas diferenciadas de aprender, promovendo uma nova relação entre

o aluno e sua aprendizagem, uma vez que se apresenta a oportunidade de construção do conhecimento por meio de um processo de aprendizagem mais humano e reflexivo, dando real significado aos conteúdos.

Já os professores terão a oportunidade de experimentar e conhecer novas formas do fazer docente, novos momentos pedagógicos, com formações pensadas a partir dos desafios frequentes no chão da sala de aula. Isso lhes trará maior segurança para repensar e modificar suas práticas pedagógicas.

Com isso a escola ganha também, pois a partir destes novos momentos, fluem novos sentimentos, injetando fôlego maior para o trabalho docente. Além disso, a escola ganha a oportunidade de se refazer, de encontrar novos caminhos que vão atender suas necessidades em todos os seus segmentos. O olhar singular para todos que compõem a escola é necessário: para alunos e professores, mas também para as trabalhadoras não docentes da alimentação escolar, da limpeza escolar, do administrativo, as estagiárias. Vivências como as oportunizadas por esta pesquisa oxigenam a escola.

5. OS IMPACTOS DA AÇÃO PEDAGÓGICA

A partir das entrevistas com as professoras, e com os alunos, foi possível perceber a relevância dessa pesquisa, na medida que fomos traçando caminhos, de acordo com as dificuldades encontradas, com o objetivo de trazer um apoio pedagógico aos professores dos anos iniciais, e conhecer nossos alunos no que tange aos conhecimentos Geográficos, na EMEF Bento Gonçalves.

Desta forma, foi aplicado o questionário primeiramente entre os professores, onde já foi obtido um importante diagnóstico do contexto pedagógico, metodológico, entre outros. Nessa etapa, foram dois meses de diálogos e observações para decidir em parceria em qual turma seria aplicada a pesquisa.

Foram analisados vários aspectos de cada professora, e suas respostas apontaram caminhos. Foi escolhido o 5º ano, pois, tendo em vista que a escola atende somente os Anos Iniciais, e, a partir do 6º ano, os alunos daquela turma irão para outra escola.

Retomando rapidamente os resultados do questionário aplicado aos professores, foram levantados vários pontos para reflexão:

- a grande maioria dos professores não utiliza nenhum tipo de pesquisa para o planejamento de suas aulas;
- a grande parte do grupo de professores não utiliza recursos diferenciados, mantendo o quadro verde e giz, ainda, como os recursos mais utilizados;

- o domínio e a experiência aparecem como os aspectos considerados mais relevantes para se dar uma boa aula;
- a grande maioria das professoras, em algum momento, entrou para dar suas aulas sem planejamento algum;
- a grande maioria não deixa de seguir fielmente o que planejou em hipótese alguma;
- o principal motivo para sair do planejamento inicial da aula foi perceber que a escolha estava fora da realidade, o desejo do aluno aparece por último;
- a ênfase quanto ao que ensinar são nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, fazendo com que os outros conhecimentos fiquem à parte do que consideram ser importante; e
- a maior parte do grupo de professoras disse não utilizar em suas práticas pedagógicas projetos de aprendizagem, pesquisas científicas e diferentes linguagens por sentirem insegurança e até mesmo dificuldade para coloca-los em prática.

Essas respostas demonstram o quanto as professoras estão receosas para propor inovações ou sair da zona de conforto. Aqui não se trata de só se expor as dificuldades, mas também apoiar, pois algo aconteceu na trajetória desse profissional para que agisse assim, receoso. Esta pesquisa vem para somar ao grupo de professoras como mais uma forma de acolhimento às dúvidas e às dificuldades, buscando implementar ações que modifiquem essa realidade. Essa pesquisa é uma das ferramentas para que transformações ocorram.

No processo de ensino aprendizagem, quando se quer conhecer os professores, é preciso, também, conhecer os alunos para quais daremos aulas, suas dúvidas, seus anseios e suas vontades. Com esse intuito, foi aplicado o questionário, já mostrado aqui anteriormente, cujos resultados merecem também destaque neste encerramento.

O questionário foi aplicado no 5º ano, turma que foi selecionada para fazer parte da pesquisa. Foram oito questionamentos tabulados, nos quais os alunos manifestaram que apesar das dificuldades como, sono, fome, medo de voltar para casa, sofrer *bullying* de colegas, gostam de estudar. Para eles, os principais fatores que lhes fazem permanecer na escola são: obrigatoriedade devido ao Bolsa família, recreio, alimentação escolar e aprender mais.

Quando o assunto passa a ser o ensino da Geografia, percebe-se que pouco sabem sobre a área e dizem não gostar. A grande maioria tem a ideia de que é uma matéria difícil,

ou, como já vimos, que é só pintar mapas. Também não pensaram que no cotidiano podem utilizar a Geografia para melhorar o seu dia a dia. Entretanto, mostraram-se abertos a novas aprendizagens, aceitaram participar da pesquisa realizada por esta aluna.

Frente a todas essas respostas e inquietações, começou-se a delinear o caminho a ser trilhado na pesquisa. Iniciaram-se grupos de estudo entre os professores para aprimorar e inovar as práticas pedagógicas, e, no quinto ano, planejou-se colocar em prática ações pedagógicas diferenciadas, com o objetivo inicial de que os alunos se reconheçam enquanto cidadãos pertencentes ao mundo e, como tal, sujeito de direitos e deveres.

Como o intuito era, também, de que o aluno (re)conhecesse seu bairro e sua comunidade, a orientanda sentou-se com sua orientadora para delinear uma proposta pedagógica, com o objetivo de realizar um resgate da autoestima desses alunos, notadamente frágil, pois sempre falam que o lugar onde moram é feio, “só tem plantas e árvores”, e “não tem asfalto, só estrada de chão”.

Na aplicação dessa proposta e suas etapas, ficou claro que os alunos não tinham sentimentos positivos sobre morar ali, no Morro do Paula. Achavam seu bairro feio, sentiam gosto pelos edifícios, e pelas ruas asfaltadas, pelo movimento de pessoas e de carros. Essa foi, então, a leitura da primeira etapa, que consistia em cada aluno produzir seu autorretrato e depois escrever os pontos positivos e negativos do lugar em que moram.

Começaram então os desafios para a pesquisa em si, que é promover um resgate da autoestima desse aluno junto ao lugar que mora. Após o desenho dos autorretratos, ficaram notórios os raros aspectos positivos em relação ao bairro em detrimento de uma quantidade bem maior de características negativas. A partir disso, pensamos ser fundamental que os alunos vissem outras realidades e escutassem outras vivências. Programou-se, então, o trabalho com a literatura infantil, por meio de livros que permitissem uma (re)leitura do bairro e de si mesmos.

Pensando nisso, após a devolução oral coletiva dos desenhos, começou-se um trabalho permanente de mudança de olhares sobre si e sobre o seu lugar. Foi nesse momento que, buscando livros de literatura infantil que tratassem da temática, encontrei, Dandara seus Cachos e Caracóis, cuja a autora é minha orientadora, a professora Maíra Suertegaray.

Com a leitura do livro, foram apresentadas diversas imagens de pessoas diferentes, em lugares também diferentes. Trabalhou-se a diversidade em vários lugares, e uma nova percepção começou, então, a ganhar vida, quando escutei: “olha como tem lixo naquelas ruas, aqui as pessoas não colocam lixo assim, existem containers para colocar o lixo, e a prefeitura vem três vezes por semana”. Então, aos poucos, início pequenas intervenções que vão

começando a ampliar as formas de os alunos se verem em relação a eles próprios e, também, em relação ao lugar que estão: “viu, então, que legal? O lugar que vocês moram preserva o meio ambiente”. E assim foram várias conversas durante os dois meses.

Após ler o livro, mostrar as imagens, os alunos realizaram um painel, retratando a diversidade de pessoas e de lugares. Durante a realização, era possível escutar intervenções deles, falando uns aos outros, tentando mostrar as diferentes formas de ser e de viver os diferentes lugares. Nesse momento, eu já não precisava intervir para enxergarem, a intervenção já acontecia por conta deles: “as pessoas podem ser altas, baixas, ter cabelos loiros, pretos, podem morar em lugares diferentes, esses lugares podem ser asfaltados ou não, bem cuidados ou não, ter natureza ou não”, diversas relações foram aparecendo. Pensei: “está dando certo, estou conseguindo. Que bom que não desisti, que bom que acreditei que podia dar resultado positivo”. Essa hora é muito gratificante e tem um valor imensurável para o professor pesquisador.

Após essa etapa, iniciamos a seguinte, com a leitura do “O menino que colecionava lugares”, de Jader Jane. A partir do livro, sugeri que fizéssemos uma saída a campo para conhecer outros lugares além do Morro do Paula, outras realidades, pois é importante conhecer outros bairros do município, ver outras pessoas. Ficou combinado que faríamos também a nossa latinha, cada um teria a sua e colocaria ali, suas emoções, suas palavras a partir dos diversos lugares que conheceram. Combinamos que abriríamos, cada um a sua latinha, quando tivesse fim a aplicação do projeto, ou seja, quando findasse os dois meses de trabalho.

E a saída a campo aconteceu. Foi uma tarde diferente, fomos ao centro, e em mais três bairros. A saída a campo é diferente de quando eles saem com seus pais, pois levaram o caderno para poder anotar as palavras para colocar na latinha. Observaram uma série de coisas: os barulhos, os silêncios, a criança na rua sozinha... “Ainda bem que tenho uma família, e o que comer”, comentou um aluno. E assim falaram do perigo das ruas, do medo do cemitério estar em seu bairro como tinha naquele ali, e foram fazendo o tempo todo suas considerações sobre o que viam, o que espantava, alegrava e entristecia. A Geografia se fazia presente o tempo todo, de uma forma diferente.

Para conseguir amarrar tudo isso, e trazer significados aos alunos, utilizei o livro “Nossa rua tem um problema” de Ricardo Azevedo, editado pela Ática. Foram realizadas duas ações: os relatos sobre tudo que viram em forma de produção textual e também a escrita das palavras para as latinhas. Foi o momento mostrar que cada lugar é um lugar, que cada pessoa traz consigo suas vivências que têm relação com a sua forma de ser. Cada bairro tem coisas

bonitas, mas pode, também, trazer algo que não seja positivo, pois têm problemas. As pessoas podem não ter casas para morar, e por isso moram na rua. Crianças podem passar grande tempo nas sinaleiras pedindo algo para comer, e muitas pessoas não irão parar para ajudar. Há pessoas que desfilam seus carros, enquanto outras não possuem nenhum, ou até utilizam carroças para se deslocarem.

Essas foram observações dos alunos. Foi importante para reconhecerem que o Morro do Paula, apesar de não possuir asfalto, ainda não tem pessoas nas ruas sem moradias; que apesar da presença de muitas plantas e árvores, as pessoas se importam umas com as outras e as crianças não precisam andar na rua pedindo nada para comer. Nesse emaranhado de vida, muitos conhecimentos geográficos aparecem.

E assim, os alunos fizeram suas palavras para a latinha e realizaram seu texto coletivo. Foi notório que as percepções haviam mudado, o Morro do Paula já começava a aparecer como um bom lugar para se viver, como um aluno descreveu: “um lugar que, apesar da estrada de chão, consegue cuidar de todos, temos comida e compaixão, podemos andar de bicicleta nas ruas, tranquilamente, sem medo, pois aqui todo mundo se conhece”. E assim foram várias produções, inclusive, falando que do alto do morro se tem uma visão privilegiada, onde se consegue ver outras cidades, o que em nenhum outro bairro acontece, porque em nenhum outro bairro temos a altura que o nosso bairro tem.

Então chega um dos últimos momentos da proposta e da pesquisa: a saída próxima a escola para fotografar o bairro, trazendo novos olhares, agora com novas percepções e conhecimentos. Os alunos, à medida que fotografavam, teciam comentários admirados de como tinham coisas diferentes no Morro do Paula. A todo momento se escutava: “Olha, isso só tem aqui, não vi em outro lugar (cipó de árvore).” E assim foram vários. Solicitei a eles que escrevessem embaixo das fotos os comentários de cada um, para quando fossem fazer o seu álbum. Momentos assim realmente fazem a diferença em qualquer trabalho docente. Ter sempre em mente que a persistência é fundamental para que se alcance os objetivos, parece meio clichê, mas precisa ser dito e apreciado.

Infelizmente, devido a alguns entraves, não foi possível realizar a exposição final, onde todo o material produzido seria exposto à comunidade escolar, mas cada aluno levou seu material para a casa e, com certeza, levará esses momentos para sempre em suas vidas. Com isso, a Geografia, que era somente para ler mapas, que era difícil e cansativa, que tão pouco chamava à atenção por ser chata, mudou seu status. Mais adiante, vamos ver o que essa proposta mudou significativamente os alunos, os professores e a escola.

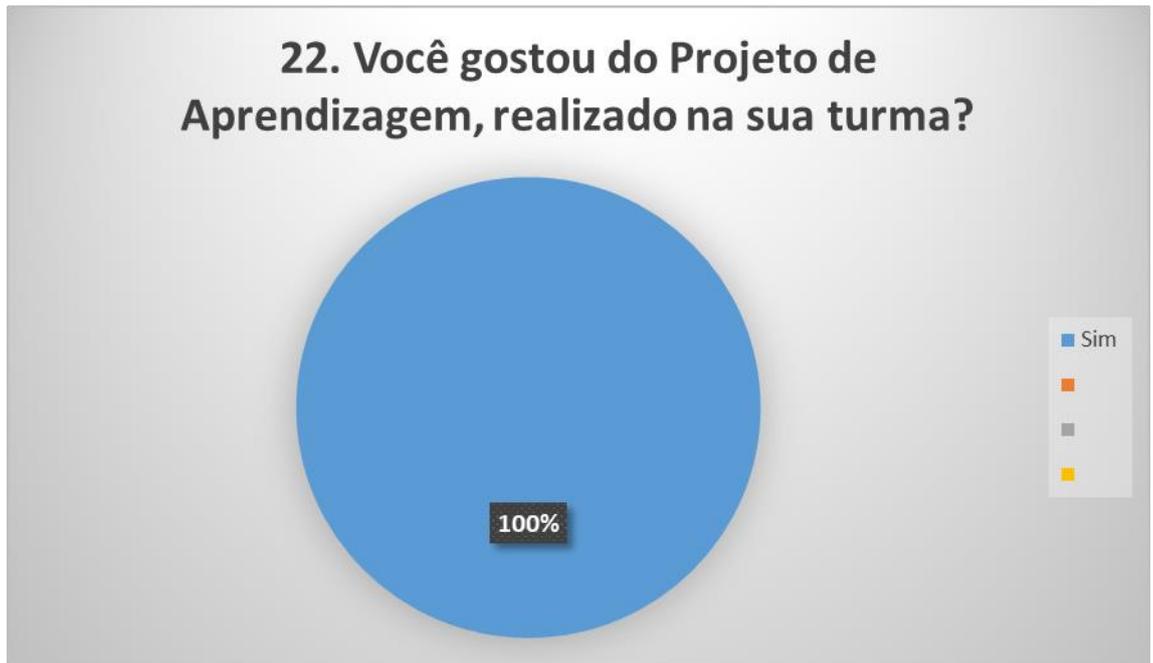
Durante o tempo que a pesquisa foi aplicada, foram muitos momentos de formação que a escola propiciou a todos os professores, todos com o foco nas práticas pedagógicas, tendo como objetivo o aluno motivado e participante do seu processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, foram realizadas quatro reuniões com o objetivo de apresentar, em cada reunião, as etapas da proposta que estava sendo realizada no 5º ano. Isso foi importante e válido para agregar o grupo de professores à pesquisa. Na primeira reunião, tratamos sobre as diferentes linguagens ao ensinar; na segunda, sobre a importância do ensino de Geografia nos anos iniciais; na terceira, sobre a diferença entre os projetos científicos, didáticos-pedagógicos e o projeto pedagógico institucional; e, na quarta e última, os professores apresentaram uma proposta pedagógica para ser realizada em uma aula, indicando algo visto nas formações.

Nos dois meses de duração da proposta, os professores tiveram a oportunidade de conhecer novas formas de fazer pedagógico, o que lhes deu segurança e apresentou possibilidades de trabalhos em sala de aula. Novas propostas motivaram os professores e também geraram um “clima” de novas ideias e vontades.

Dando sequência, para mostrar o impacto da proposta, tanto com os alunos, quanto com os professores, apresentarei novos dados para conseguirmos medir o alcance que a pesquisa obteve. Acredito que, muito além de qualquer coisa, foi muito boa a experiência de trazer a universidade para o nosso contexto escolar, através da minha participação como mestrandia orientada pela professora Maíra. Conseguimos trilhar um bom caminho, trazer novos ares para a escola e viver novos tempos; iniciar um novo ciclo.

As respostas dadas pelos alunos estão apresentadas na forma de gráficos (Figuras 19, 20, 21, 22 e 23). A partir das respostas é possível perceber as mudanças que ocorreram na turma de alunos.

Figura 22 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você gostou do projeto de ensino, realizado na tua turma? ”

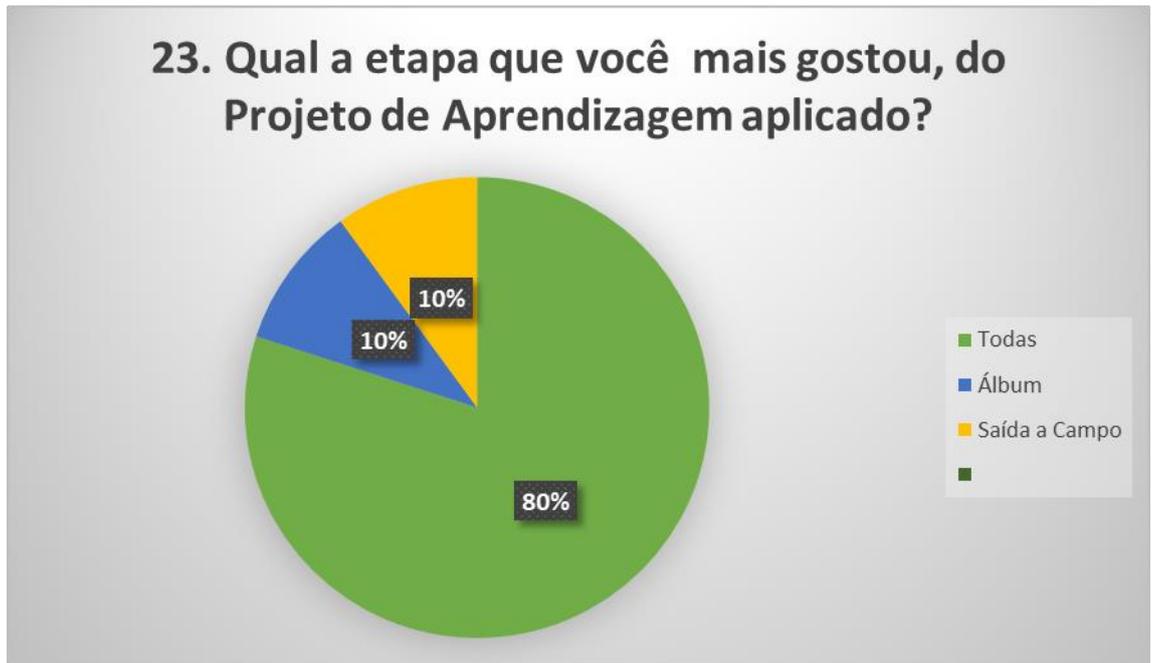


Fonte: elaborado pela autora

Todos os alunos foram unânimes em dizer que gostaram da ação desenvolvida na turma. Os comentários escutados eram: “muito bom”, “aprendi coisas que não sabia que existiam”, “criativo”.

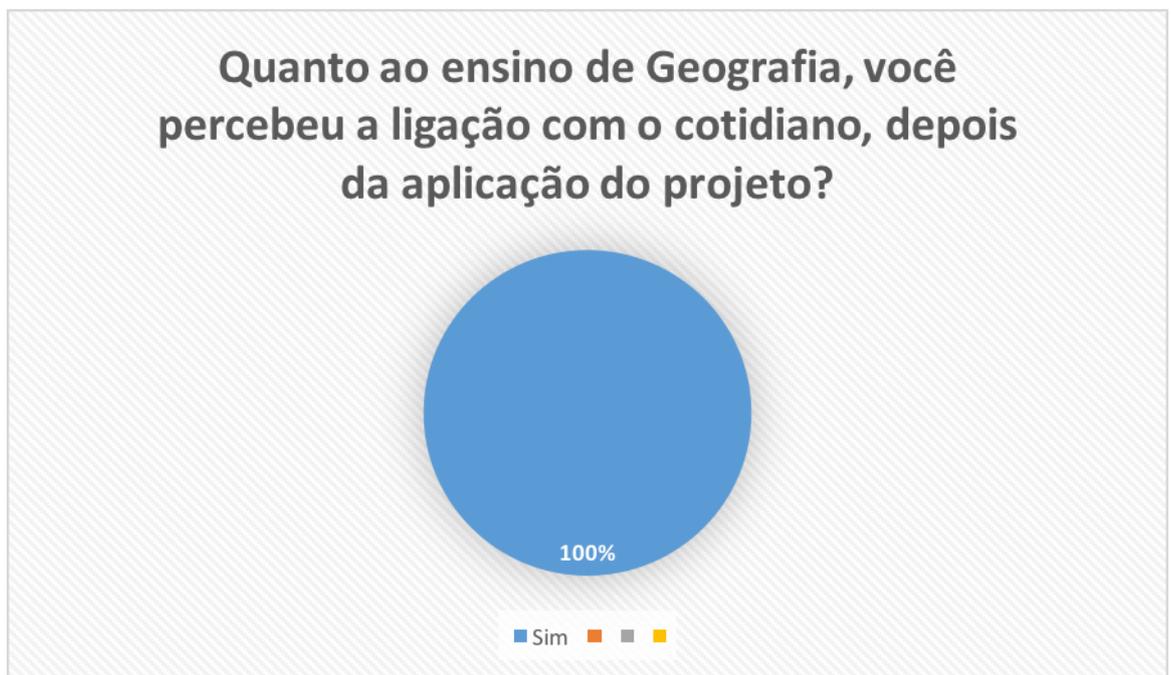
Na segunda pergunta, que solicitava o destaque a etapa do trabalho que mais tinham gostado, destacou-se a a totalidade do trabalho entre a maioria dos alunos, mas também a elaboração do álbum de fotografias e a saída de campo.

Figura 23 - Gráfico com o resultado da pergunta “Qual a etapa que você mais gostou do projeto de ensino aplicado? ”



Fonte: elaborado pela autora

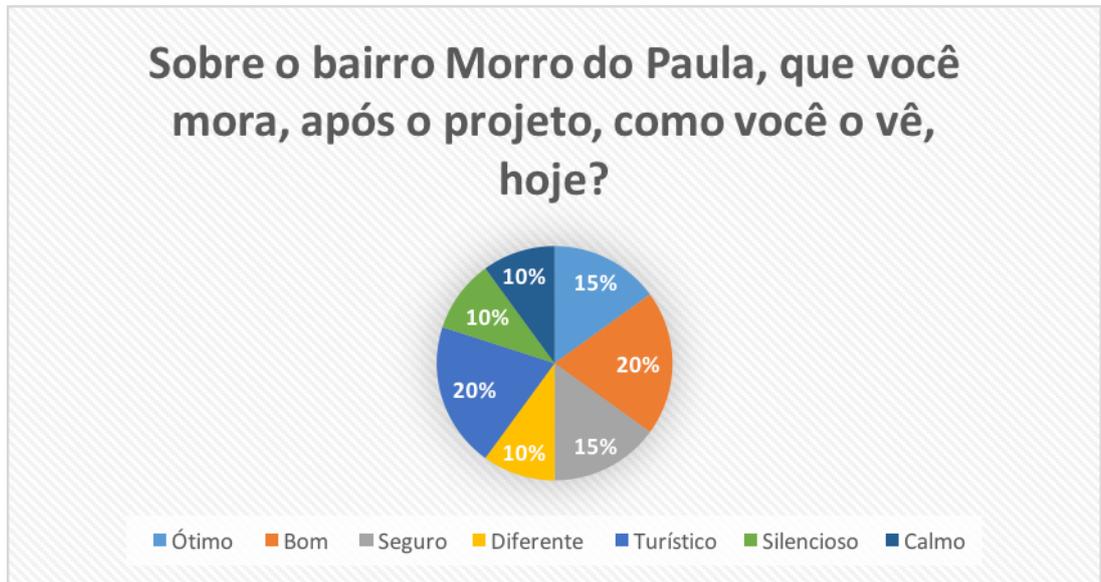
Figura 24 – Gráfico com o resultado da pergunta “Quanto ao ensino de Geografia, você percebeu a ligação com o cotidiano depois da aplicação do projeto?”



Fonte: elaborado pela autora

Todos os alunos, depois da ação pedagógica conseguiram perceber como os conteúdos da Geografia podem ser relacionados com o cotidiano e como são importantes para fazer pensar sobre o seu lugar na escola, no bairro e na cidade de forma mais consciente e crítica.

Figura 25 - Gráfico com o resultado da pergunta “Sobre o bairro Morro do Paula, que você mora, após o projeto, como você o vê, hoje?”



Fonte: elaborado pela autora

As repostas da figura 22 indicam que, de modo geral, houve uma mudança na forma como os alunos viam o seu lugar de vivência. A concepção que tinham a respeito do seu bairro se modificou, ficando evidente um olhar positivo a respeito de vários aspectos do Morro do Paula. Essa transformação impactou a maneira como viam os estudos, pois, como é possível ver na figura 23, a maior parte dos estudantes considera importante estudar.

Figura 26 - Gráfico com o resultado da pergunta “Frente a essas mudanças, estudar para você hoje é....?”



A partir desses resultados, podemos reconhecer que realmente houve uma mudança significativa em relação à forma de os alunos verem a Geografia, os alunos terminaram a proposta com outra visão sobre estudar e também sobre os conhecimentos geográficos.

O envolvimento dos alunos com a proposta foi notório. As formas como eles responderam as atividades, juntamente com a participação ativa em todas as etapas demonstrou que, quando há interação entre professores e alunos, o aprender acontece e possui um outro significado. O processo de ensino-aprendizagem passa a ter uma sintonia desejável e ser envolvente, permitindo que juntos, professores e alunos, trilhem um caminho dialógico, criativo e acolhedor em busca da construção do conhecimento.

E foi isso que vimos através das respostas no questionário e também na disposição de participar, em cada sorriso e em cada atividade a fazer. É isso que precisamos resgatar: o brilho no olhar dos nossos alunos. A mesma emoção e a felicidade de passar de fases em jogos de vídeo game tem que estar presente, também, no processo de aprender. O aprender para a vida na escola é um caminho a ser buscado permanentemente, como forma de vencer os desafios que somos expostos a todos os momentos.

Uma vez que vimos o quanto a proposta foi positiva para os alunos, chegou a hora de conversarmos com os professores, o que pensaram sobre a proposta e se produziu efeito. Os professores sentiram-se sensibilizados a refletir sobre suas práticas e, para ver se houve mudanças, fizemos cinco questões, para o grupo de professoras da EMEF Bento Gonçalves. As respostas estão sistematizadas nos gráficos a seguir (Figuras 24, 25, 26, 27, 28 e 29).

Foi possível perceber a unânime aceitação por parte das professoras das formações realizadas durante o desenvolvimento da proposta pedagógica.

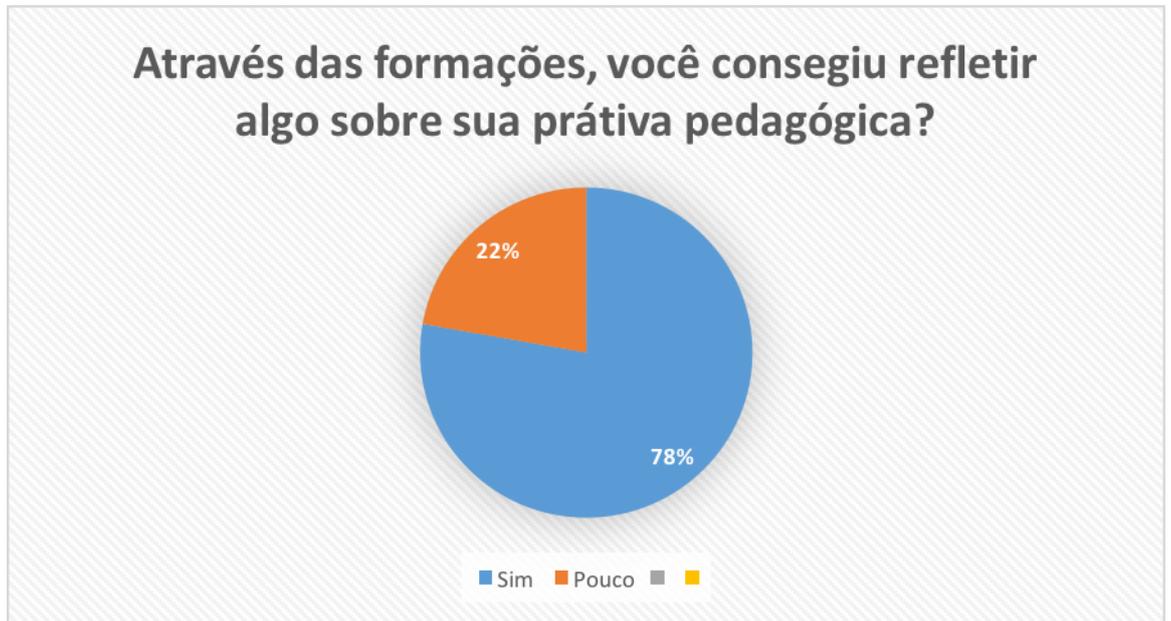
Figura 27 - Gráfico com o resultado da pergunta “Você gostou das formações realizadas pela equipe diretiva?”



Fonte: elaborado pela autora.

Essas formações possibilitaram a reflexão a respeito das práticas pedagógicas em 78% das professoras, o que consideramos bem relevante.

Figura 28 - Gráfico com o resultado da pergunta “Através das formações, você conseguiu refletir algo sobre sua prática pedagógica?”



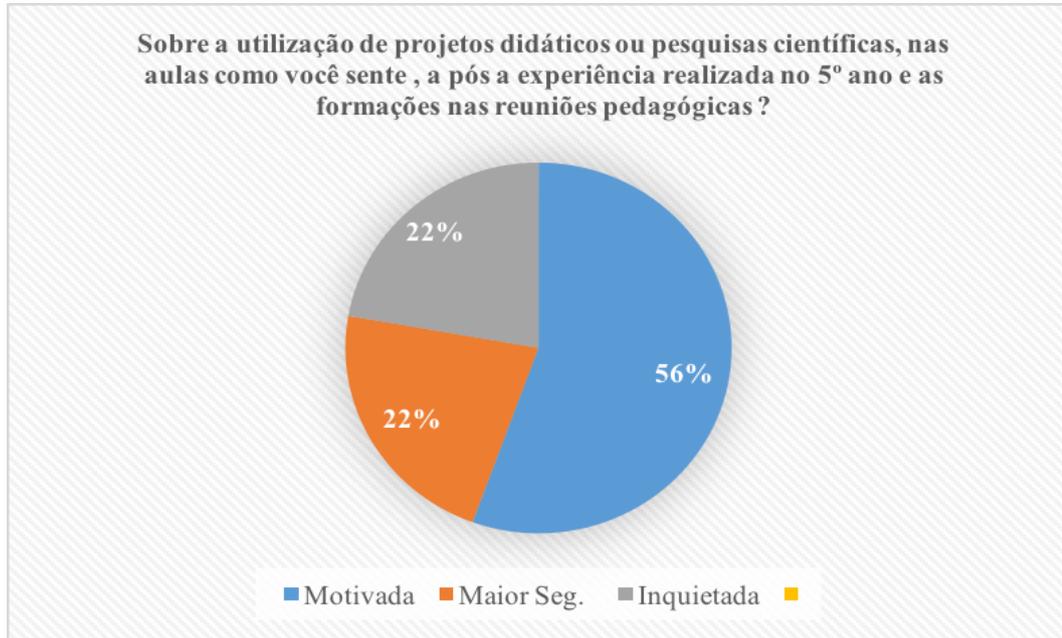
Fonte: elaborado pela autora.

Sobre a utilização de projetos didáticos ou pesquisas científicas nas aulas, após ver a experiência realizada no 5º ano e as formações nas reuniões pedagógicas, 56% das docentes mostraram-se motivadas, 22% sentem-se mais seguras para desenvolver as propostas e 22% disseram-se inquietadas (Figura 26).

Quando novamente questionadas sobre o que acreditam ser importante para ter o domínio de turma, agora as professoras destacaram a inovação (43%), a criatividade (35%) e a interação (22%) (Figura 27). Relacionado a isso, sobre o uso da literatura, 45% das professoras comprometeram-se em utilizar nas suas aulas, 33% disseram que irão buscar mais materiais sobre e 22% pensam ser um recurso que torna a aula criativa (Figura 28).

Finalizando os questionamentos, quando perguntadas sobre o que acharam da experiência pedagógica desenvolvida na escola, manifestaram aprovação, reconhecendo-a como necessária (45%), ótima (33%) e instigante (22%) (Figura 29). Como mostra o gráfico abaixo:

Figura 29 - Gráfico com o resultado da pergunta “Sobre a utilização de projetos didáticos ou pesquisas científicas, nas aulas como você se sente, após ver a experiência realizada no 5º ano e as formações nas reuniões pedagógicas? ”



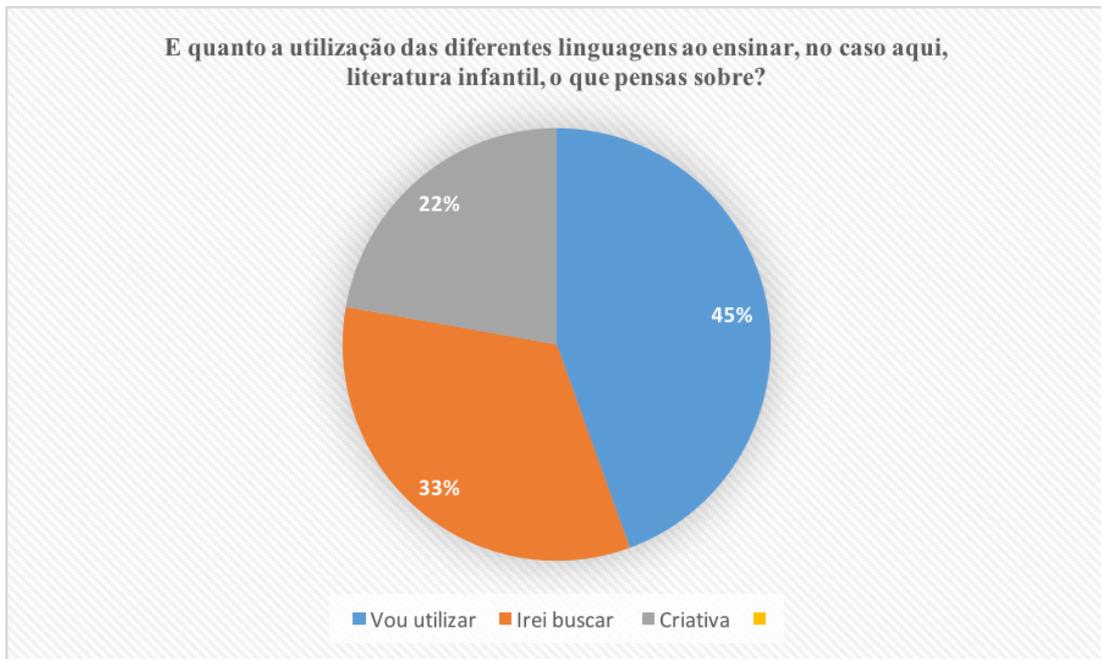
Fonte: elaborado pela autora.

Figura 30 - Gráfico com o resultado da pergunta “E agora, quais os aspectos que você considera importante para se ter um bom domínio? ”



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 31 - Gráfico com o resultado da pergunta “E quanto a utilização das diferentes linguagens ao ensinar, no caso aqui, literatura infantil, o que pensa sobre?”



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 32 - Gráfico com o resultado da pergunta “Como você viu, essa experiência para a escola?”



Fonte: elaborado pela autora.

Através das respostas, verifica-se que o grupo de professoras apreciou a experiência, pois se sentem mais seguras para realizarem inovações em suas práticas pedagógicas. O grupo foi estimulado a realizar reflexões sobre a prática do quinto ano, pois em todas as reuniões eram mostrados os resultados obtidos no ensino aprendizagem de Geografia. Aos poucos, percebia-se que o grupo ia se dando conta de quanto é vasto o universo de aprendizagens e, assim, ouvia-se a admiração por parte das professoras. “Olha, nunca pensei que podia fazer isso também”. Isso se ouvia o tempo todo. No final das formações, as aulas apresentadas foram todas ricas de muito inovação, com jogos, livros de literatura infantil, pequenos esquetes.

O tema das aulas era identidade e lugar, temas também trabalhados na experiência com o quinto ano. Foi deixado livre, não foi obrigada a apresentação de uma proposta, o professor apresentava se quisesse. Para nossa surpresa, minha e da supervisora, das nove professoras, sete quiseram apresentar, e ficamos admiradas como gostaram da proposta e realmente levaram a sério, buscando através da pesquisa soluções possíveis de serem aplicadas no contexto das dificuldades encontradas, nas cinco turmas da escola.

6 CONCLUSÕES

Essa pesquisa teve como objetivo conhecer as práticas pedagógicas da EMEF Bento Gonçalves na área de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (EF) e, a partir das fragilidades percebidas, apresentar e desenvolver uma proposta de ação pedagógica que uniu conceitos geográficos ao trabalho com a literatura infantil para alunos do 5º ano do EF. No início da pesquisa, identifiquei práticas pedagógicas que não envolviam conteúdos geográficos. As professoras da escola não se sentiam à vontade e seguras para desenvolverem atividades específicas do componente curricular, mesmo que estes conhecimentos fossem de interesse dos alunos. Associado a isso, os alunos tinham uma visão errônea sobre a Geografia ou ligavam a disciplina à pintura de mapas ou a atividades estereotipadas, tais como conhecimentos memorizados e decorados. Não mostravam desejo por estudar Geografia, por acharem chata e/ou difícil.

Na introdução foi apresentada a temática de estudo, justificativa e objetivos dessa dissertação. No capítulo dois trabalhei com os conceitos fundamentais, divididos em quatro aspectos: a Geografia nos Anos Iniciais e o Lugar como Conceito; a importância da pesquisa na prática docente; os pressupostos de uma aprendizagem significativa; e a literatura infantil: quanto aos conceitos e as práticas escolares.

No capítulo 3, apresentei o caminho metodológico, utilizado para realizar essa dissertação, isto é, a elaboração e aplicação de questionários para estudantes e professores e posteriormente a discussão do projeto envolvendo geografia e literatura executado com a turma do 5º ano do EF.

Na sequência, no capítulo 4, foi abordada a prática docente na EMEF Bento Gonçalves. Este capítulo tratou da contextualização da EMEF Bento Gonçalves; bem como a análise das práticas pedagógicas referentes a Geografia; as impressões dos alunos do 5º ano sobre o componente curricular de geografia; e a apresentação e efetivação da proposta pedagógica: o Lugar e a Identidade

No capítulo 5, me ative a demonstrar quais foram os impactos da ação pedagógica realizada na turma do 5º ano, junto aos alunos e docentes da escola.

No decorrer desse processo considerando o desenvolvimento da proposta pedagógica, os questionários, as leituras e todo o movimento de trocas realizados com colegas e estudantes, é possível afirmar com base nos dados que houve uma mudança significativa na visão de todos sobre as ciências geográficas. Os alunos se envolveram no processo de estudo e ensino das atividades com a literatura de forma a que reverberarão para o futuro nos demais

anos de estudo. Ao final da pesquisa percebe-se que os alunos se veem e veem o seu lugar de vivência de forma diferente, mais consciente e, também, com criticidade, valorizando o que o (espaço) Morro do Paula tem de bom. Também levarão consigo a visão de uma nova Geografia, de uma Geografia próxima das suas vidas e que lhes permite ampliar as reflexões sobre a sua realidade.

Quanto a prática pedagógica dos professores foi possível perceber que ao se debruçarem sobre textos e literatura com conteúdos geográficos houve uma aproximação ao campo que não era sentida no início desta pesquisa. Os professores se sentiram mais confiantes e também acolhidos para conversar sobre suas fragilidades no que toca ao ensino de Geografia nos anos iniciais. Algumas colocações mostram que os professores tinham lacunas no seu processo de aprendizagem que dificultava o ensino.

No que toca a literatura posso afirmar que ela foi fundamental para a aproximação e identificação dos alunos com as discussões proporcionadas pelo Projeto. A literatura além de trabalhar com a fruição dos assuntos também proporcionou um interesse dos estudantes sobre os temas dentro de uma linguagem acessível e própria para idade.

A partir do desenvolvimento dessa pesquisa, acredito que o grupo de professores conseguiu repensar suas práticas na construção de melhores planejamentos e conseqüentemente melhores aulas e melhores aprendizagens. Essas mudanças não afetaram somente a turma do 5º ano que foi o público alvo da pesquisa, mas teve reflexos também nos demais anos já que o estudo contribuiu para um repensar da Geografia em todos os anos iniciais. Assim, os professores puderam se ver como melhores profissionais. Penso que a nós professores cabe, cada vez mais, aprimorarmos e refletirmos sobre nossa prática (avaliar, mediar, ponderar, acolher e estudar) e não desistirmos jamais de buscar dias melhores para todos os alunos que chegam a nós, precisando de um olhar, de uma palavra. Isso é aprendizagem também, e deixa importantes registros na memória, pois não existe aprendizagem sem afeto.

Reconhecendo que a busca por aprofundar o conhecimento foi essencial para mim e, também, sabendo que o conhecimento deve ser multiplicado, penso que um dos pontos mais importantes para a constituição dos professores, seja a formação continuada permanente, pois os estudos referentes à educação e ao ensino estão acontecendo o tempo todo. Com a formação continuada, os professores se sentem encorajados para mudar e avaliar sua metodologia, bem como buscar propostas pedagógicas diferenciadas.

A escola atual demanda do professor uma nova conduta. Romanowki (2008, p. 137) diz que

para que o professor possa mudar sua metodologia, é preciso que ele tenha vontade de mudar, como já ensinava Dewey. Os problemas e as pressões das situações em aula exigem do professor novas respostas, alterando os procedimentos. São possibilidades para introduzir inovações na prática pedagógica. As mudanças incluem a qualificação e a melhoria da prática.

A formação continuada é um direito, e também um compromisso com o nosso fazer pedagógico do professor. Pensando assim, vi no mestrado uma forma de aprofundar meu conhecimento sobre o ensino de geografia e como oportunidade de partilhar essas descobertas com as professoras da EMEF Bento Gonçalves, local que exerço a função de diretora desde 2011.

Na verdade, como já dito no início deste texto, que me inquietou na escola foi o (não) ensino da Geografia nos anos iniciais e as lacunas importantes que percebia ficar a cada ano letivo que terminava. Perante isso, comecei a amadurecer a ideia de participar de uma seleção para o mestrado. Em 2012, comecei a fazer disciplinas como aluna ouvinte, fiz todas na Faculdade de Educação (FACED) por ser mais próximo, uma vez que ia à noite. Foram dois anos de leituras intensas, até que em 2015 realizei a primeira tentativa. Infelizmente, apesar de ter boa nota na prova escrita, não consegui ser selecionada, mas continuava a perceber como meu grupo de professoras precisavam encontrar novos caminhos.

Pensando nessa necessidade, e também na minha vontade e disponibilidade para realizar esse estudo, em 2016 fui novamente fazer o processo de seleção, agora com maior segurança. Foram mais de três horas de prova e, mais uma vez, sentia que devia persistir. Lembro como se fosse hoje, o professor Nestor Kaercher parabenizando a mim pela persistência e pela decisão de voltar. Realmente voltei, porque sabia que esse era o caminho que precisava trilhar. Deu certo, tão certo que estou aqui concluindo mais essa etapa da minha vida. Foram dois anos de estudos intensos, de leituras que começavam a me transformar. Quando eu pensava que havia entendido, uma palavra mudava tudo. Foram vários professores, várias aulas e, nesse processo todo, chegou uma pessoa que me acolheu e me olhou com o coração, encorajando-me a todo momento. Minha orientadora, a professora Maíra Suertegaray, foi uma pessoa importante e essencial ao meu caminhar e desabrochar.

E como se fosse mágica (na verdade, fruto de muito trabalho), consegui multiplicar junto ao grupo de professoras a minha aprendizagem destes dois anos. Através da pesquisa na turma do 5º ano e das formações que fizemos, conseguimos modificar algumas práticas e dar sentido aos conteúdos para os nossos alunos. Hoje paro e vejo que os resultados foram surpreendentes e essenciais ao processo de ensino da escola. Todos ganharam com isso, pois houve a democratização do conhecimento. Na escola, plantamos uma semente de mudança,

iniciou-se um processo para rever e modificar práticas de sala de aula, inserindo também conteúdos geográficos, os quais pareciam antes tão distantes. Tudo isso fez brotar em mim uma vontade de não parar a busca pelo conhecimento e continuar multiplicando as aprendizagens.

Vejo que minhas inquietações não pararão por aí. Termino somente mais uma etapa, mas já consigo encontrar mil motivos para prosseguir, e o principal deles é multiplicar e democratizar o conhecimento. Entendo que, quando gostamos do que fazemos, buscamos, por meio de formações, compartilhar, promover o bem, e querer que todos tenham os mesmos acessos, o mesmo respeito, as mesmas chances. Ao fim e ao cabo, acredito firmemente que independente de condição social, o conhecimento deve servir para equidade entre as pessoas, sem jamais gerar competitividade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. *Nossa rua tem um problema*. 10^a ed. 5^a impressão. São Paulo: Ática, 2002.
- AZEVEDO, Ricardo; Caminhos para a formação do leitor. São Paulo, DCL, 2004.
- BALDI, Elisabeth; **Leituras nas séries iniciais**. 2^aed. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.
- BARBOSA, Tulio, SILVA, Igor Antônio; O Ensino de Geografia e a Literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, vol 15, n.49, 2014.
- BERALDI, Francielle Bonfim; FERRAZ, Cláudio B.de O. Diálogo necessário entre a geografia e a literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental. **Para onde?** vol. 6, n° 02, p. 188-187, jul/dez. 2012.
- CACETE, Núria Hanglei, PAGANELLI, Iyda Tomoko, PONTUSCHKA, Nídia Nacib; **Para ensinar e aprender Geografia**. 3^a ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil?**. 4^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CALLAI, Helena Copetti, Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago., 2005.
- CALLAI, Helena Copetti. **O Ensino em Estudos Sociais**. 2^aed. Ijuí: Unijuí, 2002.
- CASTELLAR, Sônia (org.). **Educação Geográfica**. Teorias e práticas docentes. 2^aed. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASTROGIOVANNI, Antônio, organizador. **Ensino de Geografia, práticas e textualizações no cotidiano**. 7^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção do Conhecimento**. 2^aed. São Paulo: Papiros, 1998.
- _____. **O Ensino de Geografia na Escola**. 3^aed. São Paulo: Papyrus, 2015.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. 7^aed. São Paulo: Moderna, 2003.
- COSTA, Marisa Vorraber (org), **A Escola tem Futuro?** 1^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- COSTELLA, Roselane Zordan. **Para onde foi a geografia que penso ter aprendido**. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos *et al* (Orgs.). **Movimentos no ensinar Geografia: rompendo rotações**. 1. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2015.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5^aed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro; **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v.31, n.3 p.483-502, set. /dez.2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia-Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GOULART, Iris Barbosa. **Piaget experiências básicas para utilização pelo professor**. 14^a ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

- GUERRERO, Ana Lúcia. **Alfabetização e letramento cartográficos na Geografia Escolar**. 1ª ed. São Paulo: SM, 2012.
- LESANN, Janine. **Geografia no Ensino Fundamental I**. 1ª ed. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
- LIBÂNEO, José Carlos; **Didática**. São Paulo: Cortez, p.153-155, 1994.
- LOPES, Jaime Sérgio Frajuca. **Professor-pesquisador em Educação Geográfica**. 1ª ed. Curitiba: Ibpx, 2010.
- MELO, Alessandro de , URBANETZ, Sandra Terezinha; **Fundamentos de Didática**. 20ª ed. Curitiba: Ibpx, 2008.
- PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em todos os cantos**. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3a Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- RELPH, E. C. As bases Fenomenológicas da Geografia. **Revista de Geografia**, vol. 4, n. 7, AGETEO - Rio Claro, São Paulo: 1979.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. 3ª ed. Curitiba: Ibpx, 2008.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil Brasileira**. 2ª ed. Goiânia: Câneone, 2009.
- SILVEIRA, Rosa Hessel, (et al); **A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. *Espaço Geográfico Uno e Múltiplo*. **Scripta Nova**. nº 93, 15/07/2001.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes, SUERTEGARAY, Maíra Rossato. **A pesquisa no ensino de Geografia como possibilidade de diálogos trans e interdisciplinares**. Geografia, Ensino e Pesquisa, v.18, n.2, p.57-76, maio/ago.2014.
- SUERTEGARAY, Maíra. **No país de Anahí**. 1ª ed. Porto Alegre: Edelbra, 2015.
- SUERTEGARAY, Maíra. **Dandara seus cachos e caracóis**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação. 2017.
- STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia**. 20ª ed. Curitiba: Ibpx, 2008.
- STRAFORINI, Rafael, **Ensinar Geografia o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2ª ed. São Paulo: Anna Blume, 2008.